

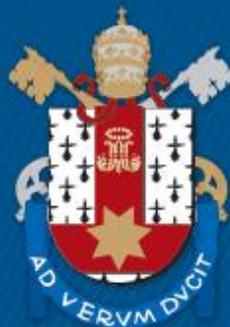
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

CÁSSIA PILAR SALGADO

O TRABALHO DE ARTISTAS DE RUA EM PORTO ALEGRE/RS

Porto Alegre
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

CÁSSIA PILAR SALGADO

O TRABALHO DE ARTISTAS DE RUA EM PORTO ALEGRE/RS

**Porto Alegre
2017**

CÁSSIA PILAR SALGADO

O TRABALHO DE ARTISTAS DE RUA EM PORTO ALEGRE/RS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Doutora Idília Fernandes.

Porto Alegre
2017

CÁSSIA PILAR SALGADO

O TRABALHO DE ARTISTAS DE RUA EM PORTO ALEGRE/RS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Doutora Idília Fernandes.

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Idília Fernandes - PPGSS/PUCRS
Orientadora

Prof. Dr. Giovane Scherer - PPGSS/PUCRS

Prof. Dr. Cesar Beras - UNIPAMPA

Ficha Catalográfica

S164t Salgado, Cássia Pilar

O trabalho de artistas de rua em Porto Alegre/RS / Cássia Pilar
Salgado . – 2017.

91 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Serviço Social, PUCRS.

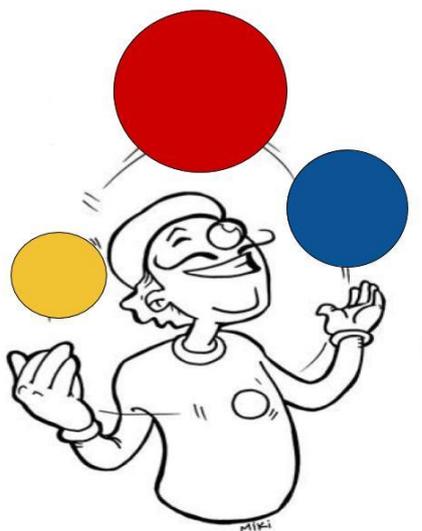
Orientadora: Profa. Dra. Idília Fernandes.

1. Arte de Rua. 2. Trabalho. I. Fernandes, Idília. II. Título.

*Dedico este estudo à todas e todos que lutam radicalmente
pela emancipação humana.*

AGRADECIMENTOS

À todas artistas e todos artistas que fizeram parte desta dissertação. Aos seus ensaios incansáveis, treinos árduos e corridas para garantir excelentes apresentações pelas ruas da vida. Que sigamos lutando pela arte democrática de livre acesso para a sociedade.



Ao poeta, músico, poliglota, cientista, companheiro, amigo, namorado, grande e doce amor! Grande ser disposto a me proporcionar os mais belos espetáculos, apesar dos meus momentos de cansaços, indecisões e conflitos com o mundo. Obrigada por tudo, João Paulo! Agradeço também ao nosso despertadorzinho de pelúcia, nossa linda bebê Céu.

À Déia, Araxane e Núbia por tudo que me ensinaram no Teatro do Oprimido e, claro, às colegas amigas e colegas amigos. Tenham certeza que serei mais uma multiplicadora social, afinal, todos nós somos artistas e nossa função é resgatar o protagonismo que há em cada ser, saindo da plateia para ser palco (Merda!).

À Ocupação Pandorga - “lutas, resistências e transformações: arte, cultura e educação” pelos treinos de tecido acrobático realizados com o circo e as crianças adrenalizadas com as aulas de teatro. Obrigada à todas e todos que conheci. Tenho bastante admiração pela coragem e modo de vida de vocês! AVOA!

À todas mulheres que deram início ao Coletivo de Mulheres do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS, vocês são

maravilhosas! Tenho muita admiração por vocês e levarei cada uma no meu coração, afinal o machismo infelizmente está presente em todos os espaços e nossa articulação não terminará por aqui, “a nossa luta é todo dia, contra o machismo, racismo e homofobia” e todas relações de poder típico da sociedade meritocrática!

À Enesso Feminista por todas as rodas de conversas e confidências que trocamos entre nós mulheres. Que sigamos nos posicionando e sendo firmes juntas! Porque nenhum machista dormirá no nosso colchão! Escracho neles!!!

À banca examinadora por todo direcionamento e dedicação, à orientadora pela liberdade de criação e a todos aprendizados compartilhados no Serviço Social da PUCRS.

À minha mãe, uma linda e guerreira mulher, que esteve ombro a ombro comigo, te amo! Obrigada!

À Petra por todo cuidado, comprometimento, dedicação e amor que teve comigo! Obrigada por ajudar a me conhecer e redescobrir o mundo!

À querida Rogéria Passamani por todo carinho, torcida e apoio!

À tia Ana e ao Antônio pela doce acolhida!

Ao Cesar Beras, “Quanto menos comes, bebes, compras livros, e vai ao teatro, pensas, amas, teorizas, cantas, sofres, praticas esportes, mais economizas e mais cresce o teu capital. És menos, mas tens mais. Assim todas paixões e atividades são tragadas pela cobiça - Karl Marx”. Doutrinaremos o mundo por uma luta anticapitalista, antes que o capitalismo siga nos doutrinando! Que sejamos mais radicais do que o sistema é conosco. Obrigada por me auxiliar nos primeiros passos da produção sobre Arte e Serviço Social e por conseguir usar a racionalidade, apesar de termos um grande envolvimento emocional. Seguimos, hey ho!

Ao meu irmão Alex e minha cunhada Michelle, minha super e divertida família de Viamão!

Aos meus sobrinhos Felipe, Iago, Fernando, Pietro e Arthur, grandes amores da minha vida!

Ao meu pai por todos papos que trocamos sobre o mundo! Te amo!

Ao Jackson por ser meu doce amigo, por compreender meu jeito meio grosso de falar, mas por saber que no fundo eu o amo e admiro demais. Que possamos sempre filosofar, criar e recriar a vida.

À Emilene Luta por ter se tornado uma grande amiga. Por sorrir, chorar, gritar, organizar, desorganizar e repensar um novo mundo junto! Teu sangue é comunista e, logo, tu respira o comunismo. E é por isso que nos damos tão bem, te admiro!

Ao Cássio, grande amigo e companheiro de luta. Fonte necessária para seguir acreditando e resistindo às desigualdades postas nesta sociedade de classes. Obrigada pelo zelo, pelas ligações, pelos abraços, sorrisos carinhosos e adrenalizações!

Ao belo laço que criei durante o mestrado com Mariana Roliano e Bruna Vargas, fiéis escudeiras. Obrigada por todos momentos que vivemos. Criamos um belo vínculo na universidade para a vida. Para sempre no meu coração, adelante!

À mais nova amiga e companheira de luta que utiliza as armas dos poemas para resistir na luta de classes. Cíntia, nos vemos pelas barbáries da vida e num sonhado e nada utópico socialismo.

Á Luiza Barreto, uma das figuras mais espontâneas que conheci, a qual tenho muito carinho e admiração.

Ao Jeff e ao Gus, por todas as conversas desopilantes e principalmente pelas piadas das quais nos entendemos muito bem, afinal vocês dormem cedo, né?!

À Giliane, pelas conversas, risadas, crises, raivas, choros, e “olha a Lapa!”. Que sigamos discutindo sobre os limites da profissão e os espaços de militância e que nossas pesquisas sigam sendo para a classe trabalhadora, afinal, pesquisa não é luxo!

À Clarissa de Paula, pelos encontros rápidos nos corredores. Companheira que faz parte da minha trajetória desde a graduação faz parte da minha vida.

Ao Paulo Martins, por todas as ideias revolucionárias que trocamos antes e depois do mestrado. Avante, camarada!

Às lutas autônomas de estudantes secundaristas e dos movimentos estudantis na conjuntura atual, por todo comprometimento e trabalho de base construída para uma nova sociedade. Que as sementes de dragão sigam sendo espalhadas coletivamente pelos diversos cantos do mundo! Há braços!

Às militantes e aos militantes do PCB por todo engajamento, organização e comprometimento com a classe trabalhadora, rumo à uma nova sociedade!

QUANDO OS TRABALHADORES PERDEREM A PACIÊNCIA

*As pessoas comerão três vezes ao dia
E passearão de mãos dadas ao entardecer
A vida será livre e não a concorrência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*Certas pessoas perderão seus cargos e empregos
O trabalho deixará de ser um meio de vida
As pessoas poderão fazer coisas de maior pertinência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*O mundo não terá fronteiras
Nem estados, nem militares para proteger estados
Nem estados para proteger militares prepotências
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*A pele será carícia e o corpo delícia
E os namorados farão amor não mercantil
Enquanto é a fome que vai virar indecência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*Quando os trabalhadores perderem a paciência
Não terá governo nem direito sem justiça
Nem juízes, nem doutores em sapiência
Nem padres, nem excelências*

*Uma fruta será fruta, sem valor e sem troca
Sem que o humano se oculte na aparência
A necessidade e o desejo serão o termo de equivalência
Quando os trabalhadores perderem a paciência*

*Quando os trabalhadores perderem a paciência
Depois de dez anos sem uso, por pura obscelescência
A filósofa-faxineira passando pelo palácio dirá:
“declaro vaga a presidência”!*

Mauro Iasi

RESUMO

A dissertação investiga como vem se constituindo o trabalho de artistas de rua em Porto Alegre/RS a fim de analisar o significado de arte e trabalho, bem como as condições de trabalho. O trabalho se fundamenta na Teoria Social Crítica de Marx em vista do cunho político aliado à práxis de transformação social, bem como por sustentar-se no método marxiano como mediação para analisar a realidade dinâmica da sociedade capitalista, pois compreende suas particularidades e contradições inerentes à dominação e a exploração do trabalho. No que concerne à metodologia, optou-se pelo uso da pesquisa qualitativa. Para tanto utilizou-se a técnica de análise empírica na qual aplicou-se entrevista semiestruturada com sete (7) artistas de rua, além de observação participante e diário de campo. A coleta de dados ocorreu em diferentes lugares (lócus) de Porto Alegre. Pretende-se, dentre as finalidades desta investigação, propiciar dados referentes ao trabalho de artistas de rua para o Serviço Social, Artes e áreas afins, outrossim dar visibilidade ao mundo do trabalho artístico de rua em Porto Alegre. Por fim, facilitar dados como possíveis complementos em discussões e mobilizações sociais de artistas de rua e comunidade em geral. Os dados da pesquisa serão socializados de forma tradicional e alternativa: banca de defesa, e-mail e/ou CD, minidocumentário independente, 3ª Festival de Artistas de Rua em Porto Alegre, produção de livro e organizações políticas que lutam pela democratização da arte, todos previstos para 2017. Torna-se importante destacar que os dados de identificação e os nomes coletados serão reservados em sigilo.

Palavras-chave: Arte de Rua. Trabalho.

ABSTRACT

This dissertation investigates how the work of street performers is constituted in Porto Alegre/RS in order to analyze the meaning of art and work for them, as well as their work conditions and organized resistance. This work is grounded on the Critical Social Theory from Marx since it has its political content allied to the praxis of social transformation, as well as to base our work on the Marx's method as a mediation to analyze the dynamic reality of the capitalist society since it understands its particularities and contradictions due to the domination and exploration of work. In methodology, we opt by a qualitative research. We used an empirical analysis in which we made a semi-structured interview with seven (7) street performers in addition to observation and field diary. The data collection was made in different places (locus) of Porto Alegre. We intend, among the aims of this investigation, to provide data from the work of street performers to the Social Work, Art, and related areas. In order to show the world of the artistic work in Porto Alegre. We aim to use collected data as a complement for discussions and social mobilizations of street performances and general community. The research data will be available in 2017 on traditional and alternative way, such as dissertation defense, e-mail, CD-ROM, independent mini-documentary, 3th Festival of Street Performers in Porto Alegre, book writing, and political organizations that fight for the democratization of art. We highlight that the identification data and artists names collected are reserved in secrecy.

Key-Words: Street Performance. Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Descrição das categorias apresentadas por artistas de rua sobre a pergunta “Qual o significado da arte para você?”	44
Quadro 2: Descrição das categorias apresentadas por artistas de rua sobre a pergunta “O que você entende por trabalho?”	51
Quadro 3: Descrição do grau de dificuldade de financiamento cultural relatado por artistas de rua a partir da pergunta “Existem dificuldades para a realização do trabalho artístico em Porto Alegre? Se sim, quais.”.	59
Quadro 4: Descrição das respostas dadas por artistas de rua a partir da categoria Preconceito.....	63
Quadro 5: Descrição das respostas dadas por artistas de rua a partir da categoria Espaços Públicos.	66

LISTA DE SIGLAS

CBAS- Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

CF/88 - Constituição Federal de 1988

ENPESS- Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social

FAC – Fundo de Apoio à Cultura

FUMPROART – Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional

MinC - Ministério da Cultura

OCUPAMinC - Ocupa Ministério da Cultura

PPGSS/PUCRS - Programa de Pós Graduação em Serviço Social/ Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande Do Sul

SATED/ RS - Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões do

Rio Grande do Sul

SMC - Secretaria Municipal de Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1.1 CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO ENTRE ENSAIOS, TREINOS, CORRIDAS E RUAS PERCORRIDAS	22
1.1.1 Procedimento de Coleta, Análise e Tratamento dos Dados	30
2. ARTE DE RUA NA SOCIEDADE CAPITALISTA: TRABALHO CRIADOR LIVRE?	35
2.1 Arte como Tempero da Vida.....	38
2.2 O significado de trabalho para artistas de rua	44
3. CONDIÇÕES DO TRABALHO ARTÍSTICO NAS RUAS DE PORTO ALEGRE	53
4. CONSIDERAÇÕES	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICES E ANEXOS	75
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Profissional	75
APÊNDICE B - Roteiro de entrevistas com artistas de rua.....	77
APÊNDICE C - Preparação, unitarização e codificação das informações coletadas junto às artistas de rua e aos artistas de rua em Porto Alegre/RS.....	79
ANEXO A - Parecer da Comissão Científica da Escola de Humanidades da PUCRS	92

INTRODUÇÃO

“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”.

(Comida - Titãs)

O trecho da música *Comida* referida acima compreende arte e diversão como elementos fundamentais na vida do ser humano, bem como a alimentação enquanto elemento indispensável para a necessidade básica de subsistência. A dissertação investiga como vem se constituindo o trabalho de artistas de rua em Porto Alegre/RS a fim de analisar o significado de arte e trabalho, bem como as condições de trabalho. Esta introdução compreende o significado da arte de rua, a relação entre Serviço Social e arte, a trajetória pessoal e profissional da pesquisadora, o levantamento das produções de conhecimento na área e por último uma prévia da estrutura da pesquisa.

A arte de rua está caracterizada por diferentes formas de expressão artística, como: Estátua Viva, Humorista de Rua, Teatreiro, Perna de Pau, Malabarista, Cantor e Artista Plástico. Os locais de apresentação podem ser em semáforos, parques, bairros, avenidas, e em qualquer outro espaço que permita sua realização. A intenção de cada expressão artística varia desde o riso e diversão à humanização, resistência e provocação na sociedade. Deste modo, a arte de rua contrapõe os limites das galerias e outros lugares fechados, que restringem acesso exigindo pagamento, trazendo apresentações abertas ao público por meio de valores, ideias, práticas e saberes diferentes (LONGHI, 2014). Na sociedade de classes, o trabalho de artistas de rua promove democratização, uma vez que propicia acesso para todas e todos justamente por ser realizando na rua, espaço que em tese deve ser público e logo, havendo arte democrática.

Em relação ao Serviço Social e a arte, ao mesmo tempo em que o ideário neoliberal amplia-se junto do conservadorismo, a profissão desafia-se a procurar novas formas de estratégia para o enfrentamento da questão social emergida a partir do conflito capital x trabalho. Desse modo, “[...] o capital

altera a cultura dos indivíduos, utilizando-a como uma forte estratégia para a manipulação e exploração dos sujeitos que, devido a isso, têm diminuído o seu poder político para criar instrumentos de luta pelo reconhecimento e garantia dos seus direitos [...]” (SCHERER, 2013, p.63). Para tanto, faz-se necessário desvendar *novas mediações* no qual movimentam-se as expressões da questão social, uma vez que “[...] desigualdade também é rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem [...]” (IAMAMOTO, 2011, p.28), como por exemplo, os movimentos de resistência de artistas e sociedade em geral, Ocupa MinC e Arteiros de Rua. Logo, arte e Serviço Social se complementam, tendo em vista a importância da utilização da arte por assistentes sociais como mediação para apreensão crítica do real. Embora haja suas dimensões contraditórias e alienantes, “[...] a arte tem de demonstrar que o mundo é transformável e tem de ajudar a transformá-lo [...]” (FISCHER, 1963, p.56). Assim, serve como pilar no processo de trabalho de assistentes sociais, haja vista que atividades criativas tendem a estimular discussões e podem instigar maior participação de usuárias e usuários. Mulheres e homens, enquanto seres sociais, ao subjetivarem, materializarem ou apreciarem a arte - música, filme, arquitetura, escultura, culinária, literatura, dança, fotografia, teatro, grafodrama (PRATES, 2007) – passam por processos emancipatórios. Manifestações artísticas expressam-se por meio de traços, cores, sons, sentimentos, valores, visões singulares e visões de mundo e possibilitam o reconhecimento da condição de classe. Elas também podem ser instrumento de trabalho de assistentes sociais, como seriados de televisão, histórias (quadrinhos, infantis) brincadeiras infantis, videogames (arte gráfica), jogos (xadrez), esporte (futebol), desenhos animados a inanimados, pintura (obra de arte), tatuagem, grafite, novela e arte circense (SALGADO, 2015). Faz-se relevante salientar que o perfil de assistentes sociais não requer formação artística, tampouco com experiências na área da arte, uma vez que “[...] à atuação do profissional de Serviço Social ligada à arte não tem como finalidade a formação de artistas e nem que o profissional o seja necessariamente (apesar de, como em qualquer prática, haver a necessidade mínima de algum conhecimento específico) [...]” (CONCEIÇÃO, 2010, p.61). Assim, dentre os possíveis impactos, pertinências e viabilidades desta investigação, pretende-se propiciar dados referentes ao

trabalho de artistas de rua para o Serviço Social, Artes, áreas afins e comunidade em geral para dar visibilidade ao mundo do trabalho artístico de rua em Porto Alegre e servir de complemento em discussões, pesquisas e mobilizações sociais.

Faz-se necessária uma breve trajetória sobre arte no Serviço Social relacionada à importância pessoal e profissional para realizar este trabalho. Durante a graduação em Serviço Social na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA percebia-se as diminutas produções com os temas Arte, Cultura e Movimentos Sociais, visto que haviam discussões sobre educação, saúde, assistência social e previdência social. A primeira curiosidade em pesquisar sobre Arte e Serviço Social surgiu em meados de 2010, quando houve a possibilidade de conhecer o *blues* de raiz e a categoria trabalho enquanto fundante do ser social. Enquanto gênero musical e forma de resistência, o blues era cantado historicamente por escravas colhedoras e escravos colhedores de algodão que viviam no final do século XIX especificamente no sul dos Estados Unidos - *Alabama, Mississipi, Louisiana e Georgia* - “[...] suas letras, muitas vezes, incluíam sutis sugestões ou protestos contra a escravidão ou formas de escapar dela [...]” (MSDELTA, 2016, s/p). Os escravos e escravas “[...] usavam o canto, posteriormente definido como “blues”, para embalar suas intermináveis e sofridas jornadas de trabalho [...]” (MSDELTA, 2016, s/p), uma vez que “[...] a exploração de trabalho se torna elemento fundamental no processo de acumulação e expressão de riqueza [...]” (MARX, 1982). Após a relação entre o blues e trabalho, surgiram novas ideias envolvendo projetos culturais, Trabalho de Conclusão de Curso, atividades artísticas em diferentes espaços, como por exemplo: ocupações, movimentos sociais e teatro, publicação em capítulo de livro e planejamento para futuras produções. E a ideia desta pesquisa surgiu em 2015. Ao frequentar espaços como a Rua dos Andradas e Brique da Redenção, notou-se a presença de artistas de rua concomitantemente instigou-se o significado de arte e trabalho, posto que são trabalhadoras e trabalhadores que vivenciam a arte e não há um estudo sobre o tema no Serviço Social. Além do que, devido às restrições do uso dos espaços públicos, artistas de diferentes segmentos manifestavam-se pelo

direito à cidade, o que fomentou a busca pela análise das condições de trabalho.

Referindo-se às produções de conhecimento em âmbito nacional sobre arte e Serviço Social, foi realizado um levantamento por Jesus *et al.* (2012) que teve como objetivo sistematizar e analisar artigos publicados nos eventos ENPESS e CBAS de dois mil (2000) à dois mil e dez (2010) discutindo arte como eixo temático. A partir dos dados levantados, descobriu-se que em 2001 no 10º CBAS houve um (1) eixo temático específico sobre Serviço Social, Cultura e Arte. Em outros eixos, produziram-se trabalhos que envolveram a arte de forma implícita, isto é, em produções sobre crianças, adolescentes, idosos e questões de gênero. Os dados demonstram que, dos treze (13) Estados analisados, o maior número de produções sobre Serviço Social e Arte encontra-se na região sudeste e em destaque no Rio de Janeiro com dezessete (17) produções sobre arte no trabalho profissional de assistentes sociais. Já a análise realizada em 2013 no Estado do Rio Grande do Sul, especificamente no curso de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades – PUCRS, relata que da totalidade de trezentas e quarenta e seis (346) dissertações produzidas entre 1981 a 2013, “[...] apenas 04 apresentam a arte, teatro e cinema como temática central para mediação do trabalho profissional do assistente social [...]” (CARBONARI, p.32). Das cento e sete (107) teses produzidas de dois mil e um (2001) a dois mil e treze (2013), somente uma (1) traz a arte como mediação (CARBONARI, p.32). Tendo em vista os dados exibidos acima, realizou-se uma breve análise bibliográfica sobre dissertações e teses a partir de 2013. Assim, consultou-se o repositório¹ de Teses e Dissertações do Curso de Serviço Social da PUCRS a fim de investigar possíveis novas produções sobre arte. Em dois mil e treze (2013) foi produzida a dissertação de mestrado de Jacqueline Carbonari intitulada “A questão social expressa na obra musical de Raul Seixas”, bem como o lançamento do livro “Serviço Social e Artes/ Juventudes e Direitos Humanos em Cena”, fruto da dissertação de mestrado de Giovane Scherer. Em março de dois mil e quatorze (2014) foi defendida a tese de doutorado de Tatiane Moreira

¹ Link para consulta: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/356>.

intitulada “Serviço Social e Educação Popular: Caminhos que se cruzam na direção de processos emancipatórios”. E, em dois mil e dezesseis (2016) foi lançado o livro “Diversidade e Estética em Marx e Engels” organizado por Idília Fernandes e Jane Cruz Prates. Em síntese, haja vista a diminuta produção de conhecimento sobre Serviço Social e Arte em âmbito nacional, torna-se pertinente adensar o tema, uma vez que se torna fundamental enquanto mediação no trabalho de assistentes sociais.

O propósito desta pesquisa vê sentido em responder o seguinte problema (elemento central): “Quais são os significados de arte e trabalho, bem como as condições de trabalho de artistas de rua em Porto Alegre?”. A dissertação está dividida em quatro (4) partes: introdução, metodologia, dois (2) capítulos teóricos e empíricos e considerações. O capítulo metodológico, nomeado “Caminho metodológico percorrido entre ensaios, treinos, corridas e ruas percorridas”, aborda o processo desta investigação, bem como maiores detalhes sobre a dinâmica e a estrutura do trabalho, procedimento de análise e coleta dos dados. Os capítulos teóricos e empíricos buscam expressar a fala de artistas de rua junto com a teoria, tendo em vista sua relação dialética com a realidade. O primeiro capítulo, intitulado “Arte de rua: trabalho criador livre?”, busca analisar o significado de arte e o entendimento de trabalho por artistas de rua. O segundo capítulo, nomeado “Condições do trabalho artístico nos espaços públicos de Porto Alegre”, discorre sobre as condições para realizar a arte nas ruas de Porto Alegre. E por último, as considerações nas quais pressupõe-se retomar os dados descobertos na pesquisa a fim de sintetizá-los.

1.1 CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO ENTRE ENSAIOS, TREINOS, CORRIDAS E RUAS PERCORRIDAS

Todo começo é difícil em qualquer ciência

(Karl Marx)

Faz-se fundamental explicar o Caminho Metodológico entre ensaios, treinos, corridas e ruas percorridas com o intuito de guiar leitoras e leitores sobre o processo de trabalho desta pesquisa. Sabe-se que, “[...] fazer pesquisa constitui um processo de trabalho complexo que envolve teoria, método, operacionalização e criatividade [...]” (MINAYO, 2007, p.19). Além disso, o objeto de estudo das Ciências Sociais e das Ciências Humanas é histórico, pois movimenta-se conforme os períodos históricos de cada época, tendo como base a compreensão dos fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais de forma interligada. Nessa perspectiva, nega-se a neutralidade na pesquisa, pois a investigação interliga-se diretamente com interesses à ação sobre a realidade. Assim, pesquisadoras e pesquisadores separam, recortam e trabalham em determinados aspectos interconectados e sistematizados entre si (MINAYO, 2007).

O objetivo geral desta pesquisa centra-se em investigar como vem se constituindo o trabalho de artistas de rua em Porto Alegre/RS a fim de analisar o significado de arte e trabalho, bem como as condições de trabalho. Diante disto, desenvolveram-se cinco (5) objetivos específicos. O 1º objetivo específico é mapear a quantidade de artistas cadastradas e cadastrados em Porto Alegre e as regiões em que se concentram, tendo em vista a busca pela totalidade de artistas em Porto Alegre. O 2º objetivo específico vem no sentido de evidenciar como as leis historicamente configuram o trabalho de artistas de rua, uma vez que busca investigar a garantia de direitos de artistas de rua prevista na Lei nº 11.586, de 5 de março de 2014. O 3º objetivo específico tem como pressuposto conhecer o significado de arte e trabalho de artistas de rua, posto que remete à resignificação que artistas de rua dão para a arte, bem como para o trabalho na sociedade. O 4º objetivo específico surgiu em vias de analisar as condições de trabalho em que se desenvolvem o trabalho artístico, devido à conjuntura que artistas vivenciam para trabalhar nas ruas da cidade. E

por fim, o 5º objetivo específico vem para investigar as formas de resistência organizadas por artistas de rua, uma vez que as mobilizações de artistas de rua no Brasil e, especificamente em Porto Alegre, estão fortemente presentes na cidade. Desse modo, responde-se os objetivos específicos 1, 3 e 4 em decorrência das *corridas* para realizar este estudo. A escolha por desenvolver os objetivos 1 e 3 dão-se devido à apropriação teórica da pesquisadora. Já a opção pelo objetivo específico 4 surge em decorrência da necessidade de mostrar as condições do trabalho artístico nas ruas de Porto Alegre diante da conjuntura atual, uma vez que as respostas obtidas emergiram expressivamente (saturação) nas perguntas realizadas por meio da entrevista semiestruturada.

Dentre as entrevistadas e entrevistados, seguem suas especificidades e definições de acordo com o entendimento de cada artista:

- **Bonequeira** - Realiza apresentações teatrais por meio da utilização de fantoches.
- **Performer** - Dialoga com a arquitetura da cidade e pode fazer uso do rapel como forma de expressar suas performances.
- **Palhaço** - Busca humanizar a sociedade por meio do ridículo e do cômico.
- **Contorcionista** - Expressa-se por meio de contorcimento do corpo.
- **Artista Circense** - Realiza espetáculo de circo-teatro na rua.
- **Ator** - Desenvolve papéis por meio de personagens a fim de interpretar enredos.
- **Músico** - Utiliza-se de instrumentos musicais, bem como do canto e da criação de composição musical.

Esta pesquisa estrutura-se a partir da Teoria Social Crítica de Marx por meio do método marxiano, junto das categorias explicativas Arte de Rua e Trabalho e das categorias emergentes Liberdade, Financiamento Cultural, Preconceito e Espaços Públicos. Utiliza-se a pesquisa qualitativa como tipo de

investigação e analisa-se o universo e a amostra, bem como critérios, entrevista semiestruturada, diários de campo e observação participante.

Em relação à Teoria Social Crítica de Marx e a categoria profissional de assistentes sociais, “[...] a referência clássica que oferece as melhores condições para uma orientação coerente com o projeto profissional da categoria, segundo nossa opinião, é a teoria social de Marx [...]” (SILVA; SILVA, 2015, p.248), uma vez que a presente teoria busca compreender o movimento da sociedade capitalista, bem como instiga a perspectiva revolucionária com vistas a superar o modo de produção vigente. Assim, vai ao encontro do Serviço Social que busca analisar a realidade social e almeja em seu projeto profissional uma nova ordem societária. Haja vista que compreender as limitações da profissão torna-se necessário para superar “[...] a visão heroica do Serviço Social que reforça unilateralmente a subjetividade dos sujeitos, a sua vontade política sem confrontá-la com as possibilidades e limites da realidade social [...]” (IAMAMOTO, 2000, p. 21). Embora exista o projeto profissional, o Serviço Social encontra-se inserido na divisão sociotécnica do trabalho, pois ao mesmo tempo em que busca garantir as necessidades básicas da sociedade encontra-se limitado na ordem lógica e contraditória do capital (IAMAMOTO, 2000). Cabe afirmar a necessidade em reconhecer a Teoria Social de Marx como subsídio para dimensões teórico-metodológicas, técnico operativas e ético políticas, dado que “[...] compõe essa realidade complexa e atua em condições sócio-ocupacionais que colocam limites objetivos ao exercício profissional [...]” (SANT’ANA; SILVA, 2013, p.190).

Optar em analisar a realidade da sociedade por meio do método em Marx, pressupõe posicionamento da pesquisadora e/ou do pesquisador em relação ao objeto de estudo, pois requer desvendar suas múltiplas determinações (NETTO, 2009), que neste caso vem a ser Arte de Rua e Trabalho. Ademais, a escolha do método vem a ser também política, uma vez que não há neutralidade na ciência e toda e qualquer posição defenderá algum tipo de interesse (MENDES; PRATES, 2009). Nesta perspectiva, requisita-se posicionamento perante a sociedade capitalista, pois nega-se sua adesão

formal perante as contradições postas pelas relações sociais de produção e reprodução do ser social, afinal “a ciência está a favor de qual classe?”.

Para desvendar a estrutura e a dinâmica da sociedade, Marx teve como objeto de estudo a sociedade burguesa. Para tanto se utilizou do materialismo histórico, uma vez que analisa a realidade social advinda do processo de produção da vida material, bem como todas as fases do desenvolvimento histórico no qual condiciona o processo em sociedade (NETTO, 2011). Com isto, tem-se como ponto de partida a intuição e a representação, uma vez que a realidade está constituída na aparência, abstração, assim direciona-se para o concreto e retorna como forma de síntese do que foi investigado. E para isto, articulam-se três categorias ímpares do método: **Totalidade, Contradição e Mediação**. Neste sentido, extraem-se elementos da totalidade de um determinado contexto permeado por processos históricos e contraditórios da relação entre o ser social e a sociedade burguesa. É nesta relação que se estabelece a mediação por ser fundamental na medida em que compreende o elo entre o movimento da história e o objeto de estudo, assim negando uma simplista relação entre causa e efeito.

Esta pesquisa fará uma *viagem inversa* ao, em tese, captar a aparência do real posta por meio das falas de artistas de rua em Porto Alegre e retomar a *viagem de modo inverso* por meio da síntese sobre o trabalho de artistas de rua. Assim, faz-se pertinente a relação dialética *entre o que era, é e tende a ser*. As categorias do método servirão como subsídio para mediar a análise sobre a realidade do trabalho artístico realizado nas ruas de Porto Alegre a fim de revelar a aparência e conectar com os múltiplos determinantes da realidade empírica do objeto. A partir do problema desta pesquisa, obtêm-se as categorias **Arte de Rua** e **Trabalho** para explicar a realidade, e após as entrevistas aplicadas, emergiram as categorias **Liberdade, Financiamento Cultural, Preconceito e Espaços Públicos**.

A pesquisa qualitativa envolve significados, valores e crenças, uma vez que reúne fenômenos sociais a fim de desvendar as particularidades das relações sociais e suas múltiplas dimensões (MINAYO, 2007). O Universo ou População da pesquisa representa-se por meio do conjunto de elementos, constituindo-se assim por sua totalidade. Devido à alta rotatividade de artistas

de rua, uma vez que se deslocam para diferentes lugares justamente por não haver um local fixo para realizarem as atividades artísticas, tornou-se inviável o objetivo específico (1), que é mapear a quantidade de artistas de rua na cidade. O levantamento mais próximo de dois mil e dezesseis (2016) foi realizado de dois mil e oito (2008) a dois mil e onze (2011) pela Coordenação de Artes Cênicas da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre - SMC, totalizando cinquenta e seis (56) artistas de rua na cidade.

Nesta pesquisa, entrevistaram-se sete (7) artistas de rua que representam parte do universo ou subconjunto, pois compreende-se que “[...] quando só é viável conhecer parte do universo, seja em pesquisa quantitativa ou qualitativa, resta ao investigador recorrer a uma amostra de sujeitos [...]” (TURATO, 2003, p. 351), assim tornando-se passível de operacionalização.

Destaca-se a amostra do tipo intencional ou proposital porque “[...] constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda população [...]” (GIL, 2008, p.94). Desse modo, buscou-se entrevistar artistas de diferentes segmentos artísticos compreendendo suas especificidades e almejando obter variadas informações.

Nesse sentido, estabeleceram-se critérios de inclusão e exclusão para entrevistar artistas de rua, tendo em vista que “[...] não é a ingênua ambição de abarcar o todo, mas o suficiente para atender à demanda de curiosidade científica [...]” (TURATO, 2003, p.364). Segue abaixo os seguintes critérios:

- Critérios de inclusão:
 - a) Diferentes regiões de Porto Alegre - Rua dos Andradas, Esquina Democrática, Brique da Redenção, Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões – SATED/RS, Residência de artistas e Ocupações.
 - b) Escolhidos conforme alguns segmentos artísticos definidos na Lei de Artistas de Rua nº 11.586, 5 de março de 2014, art.3º que determina as seguintes manifestações artísticas: I) teatro VI) artes circenses em geral, abrangendo a arte dos palhaços, dos mágicos, do malabarismo e dos

saltos mortais no chão ou em trapézios VII) artes plásticas de qualquer natureza VIII) espetáculo ou apresentação de música, erudita ou popular, vocal ou instrumental

- Critérios de exclusão: artistas que tenham algum vínculo com o poder público, para evitar a necessidade de envolver processos burocráticos, como, por exemplo, autorização da instituição. Além disto, este critério dá-se pelo fato de buscar artistas que trabalhem de forma mais autônoma, no sentido de não possuir vínculo institucional, tendo em vista que mantêm suas necessidades sociais e básicas por meio do trabalho artístico realizado na rua.

A dinâmica da pesquisa permeou-se por meio da utilização de três (3) técnicas de análises empíricas: entrevista semiestruturada, observação participante e diários de campo. A entrevista semiestruturada “[...] é uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.180). Optou-se por esta escolha devido à liberdade de artistas manifestarem suas subjetividades a partir das perguntas aplicadas. Ressalta-se que foi ilimitado o tempo de fala durante as entrevistas, no qual houve uma variação entre 45min à 2h de gravação. A observação participante “[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele [...] e participa das atividades normais deste [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.177). Os diários de campo têm o intuito de registrar os acontecimentos como forma de possíveis complementos da pesquisa. Desse modo, destacam-se abaixo as atividades que foram registradas nos diários de campo a partir da observação participante, na qual a pesquisadora se envolveu juntamente com artistas de rua na cidade de Porto Alegre:

- **Ocupa MinC e Arteiros de Rua - POA:** Nos meses de maio e junho de 2016, artistas e comunidade ocuparam o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional de Porto Alegre - IPHAN. A ocupação surgiu em decorrência da extinção do Ministério da Cultura, bem

como por buscar melhores condições de trabalho e acesso ao espaço público para a população de Porto Alegre. Realizaram-se atividades como assembleias, debates, manifestações e apresentações artísticas. Destaca-se que, no dia 26 de maio, artistas e comunidade reuniram-se em assembleia geral para a elaboração de uma Carta Manifesto de Repúdio à minuta do Decreto Municipal de Porto Alegre. O documento surgiu em decorrência da regulamentação do uso dos espaços públicos mediante pagamento, dado que restringia manifestações artísticas, religiosas, esportivas, comunitárias e, portanto, negando o direito à cidade. No dia 7 de junho, artistas e estudantes secundaristas² reuniram-se e organizaram o Ato Cultural Pela Garantia do Nosso Direito à Cidade. Neste dia, houve apresentações artísticas de cunho crítico social, bem como trabalho de base mediado pela entrega de panfletos para a população, almejando mostrar a importância do movimento de resistência na busca pela garantia dos direitos. Após a desocupação do IPHAN, ocorreram atividades como reuniões, audiências públicas e grupos de discussões nas redes sociais.

- **2º Festival de Artistas de Rua em Porto Alegre (2016):** Ocorreu durante a primeira semana de outubro nos seguintes lugares - Casa de Cultura Mario Quintana, Parque da Redenção e Ocupação Pandorga. O Festival criado por artistas de rua ocorreu durante os dias 4, 5 e 6/10 e promoveu debates sobre três (3) assuntos: Arte de rua em Porto Alegre: história e ressignificação; Leis da arte da rua e do uso dos espaços públicos e Chapéu, ingresso milenar. O primeiro assunto teve a participação de artistas de rua que vivenciaram a repressão da ditadura militar na cidade e compararam com a realidade atual (pós-redemocratização do país). Relataram a importância da arte na sociedade como elemento fundamental e

²Organizaram-se e realizaram movimentos de greve na busca por condições dignas de acesso à educação, tendo em vista a estrutura precária das escolas, atraso das verbas, falta de segurança, parcelamento do salário de professoras e professores e falta de reajuste salarial.

negaram compreendê-la somente como instrumento, uma vez que serve também para refletir e subsidiar a transformação do mundo. Para tanto, afirmaram a necessidade de ressignificar a arte e a cidade, tendo em vista a regulação do uso dos espaços públicos, o preconceito e as repressões do Estado. O segundo assunto teve a participação de artistas de rua que trabalham no SATED³. Ocorreram discussões sobre as leis nº 10.376, de 31 de janeiro de 2008 e nº 11.586, de 5 de março de 2014. A primeira lei foi criada pelo Poder Público Municipal e a segunda lei foi criada por artistas de rua. Destacaram que há em trâmite uma lei federal para proteger a arte de rua em todo o país, tendo em vista que em algumas cidades já há cobrança pelo uso do espaço público e em outras há a intenção (Pelotas/RS, Gramado/RS, Porto Alegre/RS, Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP). Neste sentido o SATED/RS busca articular-se com outros Estados do Brasil. O terceiro assunto remeteu-se ao debate sobre o Chapéu, instrumento utilizado há milênios por artistas de rua, servindo para receber as contribuições espontâneas do público, assim o Festival buscou “[...] valorizar e reforçar a cultura do chapéu, o qual perpetua a arte no mundo [...]” (FESTIVAL DE ARTISTAS DE RUA⁴, 2016).

A seguir, apresenta-se o seguinte subtítulo “Procedimento de coleta, análise e tratamento dos dados”, com o intuito de trazer informações como idas a campo, o surgimento da amostragem bola-de-neve, sigilo ético da pesquisa, análise de conteúdo e socialização dos dados levantados nesta investigação.

³ Tem por finalidade reunir a classe artística e de entretenimento no que concerne a assuntos de interesse e defesa dos direitos, tendo o intuito de desenvolver a categoria profissional (SATÉD, 2016). Link para acesso: << <http://satedrs.org.br/institucional/#p1>>>.

⁴Para maiores detalhes consultar o link: << <http://festivaldeartistas.wixsite.com/aochapeu/0-festival>>>.

1.1.1 Procedimento de Coleta, Análise e Tratamento dos Dados

Neste subtítulo pretende-se detalhar todos os procedimentos utilizados em relação ao Comitê de Ética, as idas a campo, o tratamento dos dados e a análise de conteúdo. Faz-se necessário recapitular que a questão central (problema) desta pesquisa é “Quais são os significados de arte e trabalho, bem como as condições de trabalho de artistas de rua em Porto Alegre?”. Logo, a delimitação do tema permeou-se no tempo histórico de 2016 e remeteu-se ao *locus* (lugar) de investigação a cidade de Porto Alegre.

Para aplicar as entrevistas com artistas de rua, elaboraram-se (15) perguntas que consistem na aplicação de instrumentos e técnicas a fim de coletar os dados previstos (MARCONI; LAKATOS, 2010). Enfatiza-se que houveram inúmeros *treinos* para realizar esta investigação sobre O trabalho de artistas de rua em Porto Alegre. Foram momentos permeados por curiosidades, dúvidas, novas realidades e novas relações sociais, tendo em vista que discutir e pesquisar sobre esta temática tornou-se algo novo para a pesquisadora. Após o assentimento da Comissão Científica da Escola de Humanidades da PUCRS, entrou-se em contato com artistas de rua. Durante o processo de coleta de dados nas *ruas percorridas* de Porto Alegre, informou-se para as artistas e os artistas de rua sobre todo o processo de estruturação e dinâmica da pesquisa, bem como os aspectos éticos do Termo de Consentimento referente à resolução nº 466/12. Evidencia-se aqui que a maioria das artistas e dos artistas de rua negaram ter problemas quanto ao sigilo ético, inclusive afirmaram a possibilidade de utilizar o próprio nome na pesquisa, bem como fotografias e/ou filmagens.

Os contatos realizaram-se por meio de redes sociais, pessoalmente e por telefone, alguns partiram pela iniciativa da pesquisadora e outros por indicação de artistas. Partia-se do ideal que as entrevistas poderiam ocorrer nos intervalos do trabalho artístico, porém a base concreta mostrou-se de forma diferente, de sete (7) artistas analisadas e analisados nesta investigação, seis (6) dispuseram-se nos horários em que não estavam trabalhando e

apenas um/uma (1) respondeu as perguntas no intervalo do trabalho. A ida a campo realizou-se nos meses de julho (11 entrevistas), agosto (3) e setembro (1). Evidenciou-se significativa motivação de artistas de rua para participar deste estudo, uma vez que compreenderam sua pertinência, além de terem solicitado acesso aos dados levantados, pois tende a servir como complemento para suas pesquisas. Dessa forma, construíram-se relevantes e numerosos contatos. Destaca-se a inviabilidade de algumas entrevistas devido a questões como viagem, chuva e doença. Ademais, recordações como adesivos, apitos, folders e convites fizeram-se presentes nestes contatos.

Os dados desta pesquisa serão tratados por meio da análise de conteúdo, posto que forma-se por meio de um conjunto de técnicas (BARDIN, 2011), servindo como subsídio para captar o conteúdo das falas de artistas expressas por meio da entrevista. Com base em Bardin (2011) segue as etapas de organização da análise de conteúdo: 1) Organização da análise, 2) Codificação, 3) Categorização, 4) Inferência e Interpretação.

- 1) Organização da análise - Consistiu na sistematização do material coletado, isto é, das informações fornecidas por meio das entrevistas aplicadas com artistas de rua, bem como dos diários de campo escritos a partir da observação participante dos movimentos Ocupa MinC, Arteiros de Rua POA e do evento 2º Festival de Artistas de Rua. Para analisar as entrevistas, fez-se fundamental transcrevê-las, assim destaca-se que todas as entrevistas e 99% dos materiais transcritos foram realizados pela pesquisadora, pois “[...] quando é o pesquisador quem faz a transcrição, a pré-análise inicia-se durante a transcrição e não após ela [...]” (MANZINI, 2008, p.4). Pode-se nomear parte desta pré-análise por leitura flutuante, uma vez que há uma releitura das informações obtidas por meio das entrevistas, ao mesmo tempo em que discorre-se a seleção do material a ser analisado. Desse modo, partiu-se para a segunda fase da análise de conteúdo.

- 2) Codificação⁵ - Dada a necessidade em manter o sigilo ético da pesquisa, substituiu-se o nome original de artistas de rua por sete (7) tipos de manifestações artísticas: Bonequeira, Performer, Palhaço, Contorcionista, Artista Circense, Ator e Músico. Após codificar cada unidade destes nomes, tornou-se necessário desvendar as categorias que emergiram a partir das entrevistas.

- 3) Categorização - Fase de reunião e classificação de três (3) elementos categoriais: categorias do método em Marx, categorias explicativas da realidade (temáticas) e categorias emergentes. As principais categorias do método em Marx utilizadas são: totalidade, historicidade e contradição. As categorias explicativas da realidade partiram do problema de pesquisa, logo, constituem-se em Arte de Rua e Trabalho. E as categorias emergentes foram Liberdade, Preconceito, Espaços Públicos e Financiamento Cultural. Para desvendá-las utilizou-se, o *software Text Analyzer*⁶, uma vez que serve como facilitador para descobrir o índice de palavras que surgiram com maior frequência na pesquisa. Evidencia-se que todas as categorias dispõem da inter-relação entre teoria e experimento, com vistas à complementar a produção do conhecimento (Minayo, 2007). A categoria Liberdade emergiu da pergunta número 1 do roteiro da entrevista, intitulada “Qual o significado da arte para você?”, as categorias Preconceito, Espaços Públicos e Financiamento Cultural surgiram da pergunta número 4, “Existem dificuldades para a realização do trabalho artístico em Porto Alegre? Se sim, quais”.

- 4) Inferência - Etapa na qual se construiu os capítulos teóricos em conjunto com os três (3) tipos de categorias envolvendo base teórica e empírica. Para responder o objetivo específico número três (3), “Conhecer o significado de arte e trabalho para artistas de rua”, elaborou-se o capítulo intitulado “**Arte de rua: trabalho criador livre?**”, dividido em

⁵Consultar Apêndice C.

⁶Tradução: Analisador de texto. Disponível no link: << <https://www.online-utility.org/text/analyzer.jsp> >>.

dois (2) subtítulos “Arte como tempero da vida” e “O significado de trabalho para artistas de rua”. O primeiro emerge da questão número um (1) e o segundo da questão número 3 da entrevista⁷. E para responder o objetivo específico número quatro (4), “Analisar as condições de trabalho em que se desenvolvem o trabalho artístico”, criou-se o capítulo **“Condições do trabalho artístico nas ruas de Porto Alegre”**, o qual emerge da questão número quatro (4) da entrevista. Parte-se para a interpretação como última etapa da análise de conteúdo onde “[...] o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações com o propósito dos objetivos previstos [...]” (BARDIN, 2011, p. 131). Para tanto, torna-se pertinente a devolução dos dados desta pesquisa.

A socialização dos dados ocorrerá de forma imediata e processual para a categoria profissional de assistentes sociais, artistas de rua, bem como para o Poder Público Municipal - SMC e comunidade em geral, tendo em vista que “[...] é preciso democratizar os resultados das investigações [...] é preciso encontrar meios, canais e modos de coletivizar [...]” (NETTO, 2009, p. 780). Os *caminhos percorridos* serão: Banca de Qualificação, no qual artistas, assistentes sociais e comunidade em geral serão convidadas e convidados pessoalmente e/ou por meio de redes sociais; envio da pesquisa por e-mail e/ou CD para artistas de rua, assistentes sociais e a quem interessar (tendo em vista o caráter público da pesquisa); 3º Festival de Artistas de Rua em Porto Alegre, através do convite feito pelas artistas e pelos artistas como uma forma de mostrar os dados obtidos; Movimento Arteiros de Rua POA, no qual pretende-se explanar o trabalho a quem interessar, bem como para o SATED/RS; Documentário Independente construído coletivamente com duas (3) áreas do conhecimento já convidadas: Serviço Social, Ciência da Computação e Comunicação Social, tendo em vista a interdisciplinaridade para elaborar o material audiovisual a partir dos conhecimentos compartilhados; E, por último, a publicação de um livro sobre O trabalho de artistas de rua em Porto Alegre, fruto desta dissertação. Deste modo, parte-se para o próximo

⁷Consultar Apêndice B.

capítulo a fim de compreender o significado de arte e trabalho para artistas de rua.

2. ARTE DE RUA NA SOCIEDADE CAPITALISTA: TRABALHO CRIADOR LIVRE?

Este capítulo⁸ será apresentado por meio de categorias teóricas e empíricas, tendo em vista a mediação entre a fala de artistas de rua expressas por meio das entrevistas e a teoria marxista como aporte teórico. Desse modo, o capítulo divide-se em dois (2) subtítulos. O primeiro remete à significação que artistas de rua dão para a arte e o segundo ao seu entendimento por trabalho, compreendendo a particularidade de cada artista. Antes de iniciar as discussões em relação à dimensão subjetiva, faz-se fundamental uma breve contextualização sobre a origem da arte e o que é ser artista nesta sociedade.

O tempo histórico mais preciso em relação à origem da arte de rua vem a partir da Grécia pré-socrática, na qual os homéricos expressavam a história das tradições populares por meio do canto, tendo o intuito em fazer com que a plateia se manifestasse pelo próprio corpo, ou seja, por meio da dança. Já na Idade Média, por volta do século XII, a literatura era manifestada por meio de versos recitados em espaços públicos da cidade, como por exemplo praças e ruas, que resultou pelo nome de cantigas ou trovas. As artistas poetisas e os artistas poetas nobres tinham como propósito realizar apresentações para toda a população e em especial aos cleros e reis. Havia também o poeta plebeu, popularmente conhecido por Jogral que pertencia à classe popular da sociedade. Manifestava-se como bufão⁹, por meio de acrobacias, mímicas e magia para senhores das terras. No mesmo período histórico ocorriam, nas festas medievais, apresentações de teatro com jogos de congelamento de cena, a fim de expressar pintura imaginária (ORIGEM DA ARTE DE RUA, 2015). Desde que os seres humanos transformaram a natureza pela primeira vez por meio do trabalho, a arte faz parte da história da sociedade. Nos períodos paleolíticos da pré-história, mulheres e homens produziam trabalhos artísticos, isto é, pinturas rupestres que perduram até os dias atuais. A pessoa que criou o primeiro instrumento pode ser considerada a primeira artista (FISCHER, 1963).

⁸ Evidencia-se que os subtítulos iniciar-se-ão a partir da fala de artistas de rua.

⁹ Estilo Bobo da Corte.

Compreende-se trabalho como categoria fundante do ser social, definida pela ação de mulheres e homens com a natureza, uma vez que reconhecem suas próprias forças a transformando para um determinado fim. Para constituírem-se enquanto seres humanos e produzirem a vida material, necessitam se relacionar em sociedade e afirmar sua existência (TONET, 2009). As artistas e os artistas, ao satisfazerem suas necessidades humanas por meio do trabalho artístico, desenvolvem condições subjetivas e objetivas, que elevam sua capacidade de humanização e desenvolvimento dos sentidos (VÁZQUEZ, 2011). Nesta perspectiva, evidencia-se a arte como valor de uso à medida que pressupõe o desenvolvimento da dimensão humana por meio do trabalho concreto, ou seja, da livre criação. Assim, o inventar artístico pode expressar-se por meio de objetos humanizados ao mesmo tempo em que a artista e o artista criam e significam o seu trabalho, o transformando em um objeto concreto-sensível em sua essência puramente humana.

Dado o breve resgate histórico sobre a origem de artistas na rua, bem como o sentido da arte como livre criação, faz-se necessário discorrer sobre o que é ser artista nesta sociedade. Embora a arte possa propiciar autoconhecimento humano e por sua vez realização por meio do trabalho concreto e assim qualitativo, no capitalismo a arte tende a tornar-se hostilidade e lucro. Do mesmo modo, o capitalismo fraciona o sentido da ação que homens e mulheres dão à sua criação e as torna em especializações abstratas, cuja finalidade pressupõe o não reconhecimento do produto do trabalho. Esse processo desenvolve-se de forma alienada, tendo em vista a forma como ocorre a divisão social do trabalho na sociedade de classes. Dentre as dimensões da alienação, está a energia despendida da artista e do artista ao desenvolver o trabalho de forma quantitativa como fonte de valor de troca por meio de relações econômicas. Destarte, nega-se a liberdade de criação na medida em que se substitui pela desumanização e desvalorização. Antes, o que era finalidade e realização passa a ser meio de sobrevivência. Num sistema baseado em dominar e explorar a força de trabalho humana a fim de concentrar riqueza, o trabalho de artistas converte-se em mercadoria (MARX; ENGELS, 2010). Porém, nem todo artista vende sua força de trabalho para o capital, por exemplo, um artista de rua que se apresenta com sua arte e recebe

contribuições espontâneas do público por meio do chapéu, no qual não há uma medida de valor, logo vem a ser um trabalhador improdutivo, uma vez que não produz valor excedente (mais valia - gera lucro). Já um artista que vende sua força de trabalho para uma empresa, torna-se trabalhador produtivo porque produz para o capital (MARX; ENGELS, 1986). Assim, há uma lógica perversa e contraditória do capitalismo que prevalece a perda do sentido de livre criação, expressão e condição originária da arte, tendo em vista que artistas submetem-se às ordens estabelecidas das empresas.

Diante do breve resgate histórico sobre a origem da arte de rua, bem como da arte como trabalho criador livre e do que é ser artista no capitalismo, parte-se para os próximos subtítulos deste capítulo, tendo em vista compreender a significação que artistas de rua dão para arte e trabalho.

2.1 Arte como Tempero da Vida

A arte é o que tempera, né?! O Nietzsche tem aquela ideia de que a gente precisa da arte pra não morrer de realidade, é isso. Acho que é esse princípio assim da arte pra mim. A arte é o poder de ter a liberdade de me exercitar e me comunicar, com a arte eu consigo viver nesse mundo (Bonequeira, 2016)

Na expressão acima, a Bonequeira refere-se à arte como forma de liberdade para exercitar-se e comunicar-se, bem como possibilidade de segmento de sua existência na realidade do mundo, uma vez que a compreende como “tempero” da vida, isto é, aquilo que propicia gosto, prazer. A liberdade no sistema capitalista não necessariamente pode ser compreendida no sentido do “nada posso” ou “tudo posso” (CHAUÍ, 2000), visto que a artista exerce o seu direito à liberdade dentro das possibilidades que lhe são concretas. A liberdade entra em contradição quando se direciona à liberdade econômica, por exemplo “[...] sou um humorista, mas a lei ordena-me que escreva sisudamente [...]” (MARX; ENGELS, 1986, p. 31, 32). Este trecho da poesia destaca as condições nas quais o humorista vivencia a sociedade, uma vez que a arte torna-se um meio em sua vida e não um fim, pois para Marx (2005), a liberdade plena requer a superação do modo de produção no qual oprime e condiciona o trabalho de uma classe em detrimento de outra. Neste caso, sua finalidade remete-se à garantia da subsistência, logo compreende-se que a liberdade encontra-se limitada, pois nas relações de produção, o humorista está condicionado a negar sua forma de ser. Ao analisar arte e liberdade, evidencia-se a limitação da liberdade econômica posta pelas condições nas quais trabalhadoras e trabalhadores submetem-se. Assim, a liberdade da Bonequeira e de toda classe trabalhadora encontra-se no princípio da liberdade individual.

Abaixo, segue a resposta do Artista Circense surpreso com a pergunta:

Ui, começou já assim [risos]. O significado pra mim é de liberdade. Tanto é que pra mim, eu escolhi trabalhar na rua, tem muita gente que às vezes chega pra mim e me diz: Ah, tu podia tá em outro lugar, na televisão, no grande teatro ou no “cinema” e eu digo, não, eu tô onde eu quero estar, eu escolhi trabalhar na rua, é minha paixão, é onde eu

me desenvolvo, me comunico, é onde eu cresço como pessoa, como ser humano, é onde eu tenho a liberdade de escolher pra quem eu quero me apresentar, é o que me dá liberdade de escolher pra onde eu quero ir, que me dá liberdade de viajar, se eu quero ir pra outro lugar, a rua existe em qualquer lugar, por isso eu escolhi a rua e por isso a arte pra mim significa essa liberdade de expressão, de eu poder me expressar da forma que eu quero, tocar as minhas músicas, as músicas que eu quero tocar pro público que escolheu me assistir, é por isso o significado da arte pra mim, da arte que eu faço, é o significado de liberdade, “do artista” poder se expressar da forma que ele bem entende e do público de escolher se quer assistir ou não (ARTISTA CIRCENSE, 2016)

O Artista Circense também significa a arte como forma de liberdade ao optar por direcionar o trabalho artístico na rua, bem como ter a liberdade de escolha para desenvolvê-lo. Ademais, a liberdade incide ainda para o público, pois este pode escolher assistir ou não a apresentação do artista. Neste sentido, a rua torna-se elemento essencial em sua vida, tanto como realização quanto para desenvolver o trabalho artístico e exercitar a liberdade. Quando nega trabalhar na televisão, supõe-se a incompatibilidade entre os canais de comunicação e a liberdade de criação. As próprias formas de recusa de artistas são consideradas formas reais de libertação, uma vez que não precisam se condicionar em satisfazer as necessidades da empresa. A indústria cultural direcionou a arte para o mercado do consumo, logo sucumbindo o sentido puro da expressão artística, o que se evidencia no fato do público indagar o artista de rua sobre o porquê não estar no “cinema”, na “televisão” ou no “grande teatro”. A comercialização e a elitização da arte tornam-se cada vez mais presentes no capitalismo, ao passo em que a arte de rua torna-se comparada com o grande mercado do consumo lucrativo da arte reificada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Deste modo, há uma segmentação entre artistas de rua e artistas presentes na grande mídia. Em relação à liberdade do artista circense, este busca sua livre manifestação individual e possibilidades de construir alternativas ao escolher trabalhar na rua.

Outra artista de rua expressa o significado da arte da seguinte forma,

A arte é uma maneira de expressar, né? Na verdade a arte ela é quando a gente chega num nível que surpreende, que encanta, que passa além dos limites, né? Porque não existe só a arte circense, só

a arte de teatro, existe arte culinária, por exemplo. Quando que a comida vira arte, né? Quando a pessoa extrapola os limites normais, quando ela cria, quando ela surpreende quem tá esperando, né? (CONTORCIONISTA, 2016)

A Contorcionista significa arte por meio da expressão e possibilidade de criação, ao entender que esta ultrapassa algo que já estava posto, isto é, quando exterioriza as próprias forças, “surpreende”. Além disso, afirma haver diferentes tipos de arte, desde a arte no circo à arte culinária. Assim, a arte vem a ser um dos elementos constitutivos para a reprodução do ser social, uma vez que por meio de sua criação, mulheres e homens subjetivam e materializam a criação. Deste modo, reconhecem-se por meio de manifestações artísticas ao passo em que expressam “[...] sentimentos, valores, hábitos, costumes, indignações, paixões, modos de ver o mundo, a vida, a nós mesmos e materializamos na pintura, na dança, na culinária [...]” (PRATES, 2007, p.4). Nesta perspectiva, o ser social em sua condição de criar ou apreciar a arte perpassa por processos emancipatórios – música, filme, arquitetura, escultura, culinária, literatura, dança, fotografia, teatro, grafograma. Além de outras manifestações artísticas, como seriados de televisão, história em quadrinhos, brincadeiras infantis, histórias infantis, videogames (ex: arte gráfica), jogos (ex: xadrez), esporte, desenhos animados à inanimados, pintura (ex: obra de arte), tatuagem, grafite (arte urbana), novela e arte circense (SALGADO, 2014).

Outro artista de rua significa a arte também como expressão,

Eu acho que a arte pra mim, ela é qualquer expressão, qualquer tipo de expressão, hã, humana assim, que tem algum objetivo, que pode se despertar alguma coisa, objetivo específico ou não também, pode ser só pra se expressar também, ela é um tipo de expressão assim. Eu vejo como mais ou menos como a gente utiliza a língua hoje né, as línguas, a fala, a escrita, é uma expressão bem padronizada, eu vejo que a arte é um outro tipo de expressão, mais subjetiva assim, que pode ser em alguns casos específica quando, por exemplo, algum artista faz intervenção que ele tem algo bem concreto a dizer, ou pode ser subjetiva também, quando ele não diz o que ele quer dizer assim, mas fica entrelinhas ou talvez nem ele saiba o que ele quer dizer, ele só tá se expressando e aí a pessoa que tá recebendo isso, tá ouvindo isso, vendo isso, sentindo isso, ela pode ter um, um sentido diferente do que ele assim, assim como é na língua também, né, a gente fala uma coisa e a pessoa pode entender outra e na expressão artística também eu vejo que é isso pra mim assim, é uma expressão, um tipo

de expressão assim, mais subjetiva e bem política no meu caso também assim. É, mas daí tudo é política também, né? (PALHAÇO)

O artista de rua compreende a arte como forma de expressão humana para atingir ou não um determinado fim. Compara a arte com a linguagem, uma vez que esta se expressa por meio da língua, falada e escrita seguindo padrões sintáticos e semânticos. Ao passo em que a arte pode ser específica para objetivar algo como também pode ser subjetiva e desvendada por diferentes significados e sentidos de quem a aprecia. Nesta perspectiva, a arte em sua forma de expressão e linguagem constitui-se por meio de uma matriz de ideias ao passo em que instiga a interpretação conforme a particularidade de cada olhar (VÁZQUEZ, 2011).

A expressão artística pode ser provocadora, a fim de propiciar processos emancipatórios, pois outro artista de rua afirma,

Se eu fosse falar em uma palavra ela é uma questão 'libertadora', tá? Pra mim ela é 'provocadora', ela tem que vir na contramão, hã, sair do lugar comum, 'tocar' nas feridas, né, então a arte pra mim é essa questão da busca do 'humano' né? (PERFORMER, 2016)

O Performer, além de citar a palavra liberdade, frisou outros termos como "contramão", "sair do lugar comum" e "buscar o humano". Deste modo, percebe-se que a arte torna-se elemento ímpar ao que concerne ao reconhecimento do ser social, bem como para o desenvolvimento de processos emancipatórios (SCHERER, 2013). Dada a afirmação do artista em relação ao significado da arte, esta serve para instigar e engendrar concepções de mulheres e homens na qualidade de sujeitos singulares e universais, uma vez que a arte vem a ser forma de autoconhecimento e conhecimento do mundo. Ademais, os processos emancipatórios requerem "sair do lugar comum", uma vez que necessitam de intervenções ao que já está dado cuja potencialidade envolva resistência e lutas no cotidiano de forma processual.

O Músico descreve abaixo a arte de rua como movimento de resistência:

Eu acho que é uma coisa seríssima, né? Eu acho que ela é mega importante, acho que ela pode mudar tudo na vida das pessoas assim, né? Aliás, frequentemente é ela que consegue mudar as coisas, né?! Tipo, vou citar um exemplo: “o *apartheid*”, né? O cara não podia oferecer resistência ao regime, mas através da música o cara pode, através de poesia o cara pode, através de teatro o cara pode, através de dança o cara pode, de pintura, né?! Então acho que isso é uma mostra, é um exemplo bacana assim de, né, tipo, representativo da importância que a arte tem, né? Que as pessoas precisam inclusive saber valorizar. Ter, tomar consciência que a arte tem essa importância aí, né? Acho que isso é fundamental (MÚSICO, 2016)

O Músico, ao relembrar o *apartheid*, afirma a relevância da arte como forma de resistência em suas múltiplas manifestações artísticas - música, poesia, teatro, dança, pintura. Tais manifestações artísticas representaram como vinha se configurando as relações sociais, dado o determinado período histórico, pois expressaram concepções de mundo e percepções (PRATES, 2007). No capitalismo, a classe trabalhadora produz socialmente a vida material e contraditoriamente monopolizam-se os frutos desta produção coletiva, isto é, concentram-se como forma de propriedade privada. Deste modo, desenvolve-se a questão social evidenciada entre a contradição capital x trabalho. O artista de rua significou a arte como seriedade e importante instrumento de resistência, bem como uma necessidade de consciência e relevância na sociedade. Evidencia-se a resistência como elemento em comum entre Arte de Rua e Serviço Social. A profissão perpassa por contradições e atua nos limites da lógica do capital. Desta forma, tem como objeto de trabalho a questão social e suas múltiplas expressões advindas estruturalmente por meio da desigualdade social, conformismo, rebeldia e resistência (IAMAMOTO, 2000). É neste conflito, entre desigualdade social e resistência, que assistentes sociais atuam por meio de interesses distintos da sociedade. A arte vem a ser elemento ímpar como instrumento para superar as condições objetivas e desencadear possibilidades de resistência a fim de desenvolver processos emancipatórios.

O ator significa a arte da seguinte maneira:

Pra mim a arte é vida, é tudo, não tem um significado assim, “ai, não, arte é isso aqui”, pode ser aquelas coisas mais absurdas que a gente pode dizer, é um reinado que não tem rei, quer dizer, é vida, é

cotidiano. A arte é muito mais simples, o problema da gente é que a gente dificulta as coisas e quer fazer uma grande ilusão, ou uma indústria da arte e o significado da arte é a simplicidade. Poderíamos pegar como exemplo a *Commedia dell'arte*, as figuras na carroça. “Ah! Tá sendo piegas!”. Não, não tô sendo piegas e nem tô dizendo que as pessoas não têm que ganhar dinheiro fazendo arte, não é isso, é um trabalho como qualquer outro e que deve ser dignificado pela sociedade, porém a arte tem que ser pública, como a educação pública, como a saúde pública, quando se fala na arte pública, é nesse sentido (ATOR, 2016)

O Ator remete-se à arte como vida, cotidiano e simplicidade ao mesmo tempo em que afirma haver uma amplitude de significados, ora, a “[...] arte não possui uma essência eterna, não cabendo, portanto, enquadrá-la numa definição prévia [...]” (FREDERICO, 2013, p. 118). Ademais, o artista evidencia o fato de a sociedade transformar a arte em algo ilusório, bem como transformá-la numa indústria, logo, em mercadoria. O Ator compara a arte com a *Commedia dell'arte* pelo fato de ser realizada por meio de apresentações nas ruas e praças públicas, bem como em carroças e palcos improvisados em meados do século XV na Itália (DESVENDANDO TEATRO, 2016). A Arte Pública pressupõe garantir acesso, liberdade de expressão e democratização tanto para artistas de rua quanto para o público. Considerando-se que, desde os princípios é pública e privatizou-se na égide capitalista sob a forma de produto. A Arte Pública, como educação pública e saúde pública, remete-se à função da relação público, Estado e sociedade, tendo em vista o desenvolvimento de fomentos culturais para artistas de rua, via responsabilidade e garantia por parte do Estado.

Deste modo, encerram-se os ensaios em relação ao significado que artistas de rua dão para a arte. No Quadro 1 segue a síntese das categorias extraídas a partir da resposta de cada entrevista.

Desvendou-se a partir das entrevistas que a liberdade de escolha, criação e libertação fez-se presente de forma significativa. Além disso, expressão, comunicação, linguagem, resistência e garantia de uma Arte Pública, também foram mencionadas. Deste modo, parte-se para o próximo subtítulo tendo como intuito descobrir o significado de trabalho para artistas de rua.

ARTISTA	ENTREVISTA
Bonequeira	Liberdade de expressão
Artista Circense	Liberdade de escolha
Contorcionista	Expressão
Palhaço	Expressão
Performer	Liberdade (Libertadora)
Músico	Resistência
Ator	Arte Pública

Quadro 1: Descrição das categorias apresentadas por artistas de rua sobre a pergunta “Qual o significado da arte para você?”. Entrevistas coletadas e analisadas pela pesquisadora (2016).

2.2 O significado de trabalho para artistas de rua

Trabalho pode ser várias coisas, né? Que que é o trabalho pro capitalismo? Que que é exploração do trabalho? E o que que tu leva da tua vida?! O trabalho! A única coisa que tu vai levar da tua vida é o teu trabalho. Tem relações: teus filhos né? No meu caso minhas filhas, os amores, a vida e tudo mais, mas a única coisa que tu vai levar da tua vida é o teu trabalho e o teu trabalho não é teu, aí é que é a grande coisa do trabalho. O trabalho, ele é pra sociedade. E o trabalho não é pra enriquecer, e nem pra ser explorado. Ele é pra ter uma horizontalidade, é o que eu penso (ATOR, 2016)

O artista ao ser questionado reflete sobre o significado e a exploração do trabalho no sistema capitalista, afirmando o trabalho como inerente à natureza do ser humano. Independente das relações sociais afetivas fazerem parte da vida do ator, a única “coisa” que lhe pertence é a força do trabalho. Haja vista que esta deve ser dedicada à sociedade, logo, há uma negação da atividade enquanto apropriação. O sistema capitalista desenvolve-se por meio da relação contraditória entre concentração de capital e exploração da força de trabalho, isto é, a classe trabalhadora produz a base material para garantir a existência na sociedade em troca de salário e a classe dominante acumula a riqueza produzida socialmente, pois detém os meios de produção e as torna

em propriedade privada (relação conhecida tradicionalmente por burgueses e proletários) (MARX, 2008). A ordem vigente sustenta a exploração por meio do trabalho alienado no qual o produto do trabalho não pertence a quem produziu. Das dimensões desta alienação, perpetuam-se o estranhamento do objeto de trabalho, da atividade realizada, de si mesmo e enquanto ser em sociedade (MARX; ENGELS, 2010). Em 2015, a BBC Brasil divulgou a presciência de que no ano de 2016, 50% da riqueza mundial venha a ser concentrada em apenas 1% da população. A afirmativa demonstra a intensificação da exploração, uma vez que com o desenvolvimento do capitalismo acirram-se novas formas de exploração, como trabalhos temporários, terceirizados e subcontratados (ANTUNES, 2003). Desta forma, a horizontalidade do trabalho na sociedade de classes torna-se inviável, tendo em vista que toda riqueza é oriunda da exploração.

O Palhaço ao ser entrevistado responde:

Olha, trabalho eu acho que é todo o esforço, é o fruto do teu esforço, assim, né? Eu vejo que é uma coisa que, qualquer coisa que adquiere valor através do teu esforço, pode ser uma horta, pode ser uma arte teu trabalho, né? Porque é teu esforço naquilo, tu investes o teu tempo, tu melhora naquilo, tu faz trabalho de pesquisa, tu estuda, tu faz laboratório, tu emerge naquilo, tu pratica, tu exercita e a arte se torna um trabalho porque ela foi trabalhada, né? E é bem diferente de um emprego, né? E daí tem aquele rolê do capitalismo onde consegue explorar aquela, aquelas coisinhas que Marx chamava [pensativo] de [pensativo] de [pensativo] como é que é o nome quando tu, quando tu faz as pessoas trabalharem que ele faz valor, me esqueci o nome daquilo, faz tanto tempo que eu estudei isso, eh, enfim é bem diferente do emprego, porque no emprego tu tá todo no rolê capitalista e o teu trabalho tá ali, mas ele tá sendo supervalorizado pra outras pessoas que não pra ti, né? [...] por exemplo, numa fábrica de vassouras (PALHAÇO, 2016)

O Palhaço compreende trabalho como esforço para realizar algo a partir do tempo investido, bem como do aperfeiçoamento para executar certa atividade. Por exemplo, trabalhar numa horta ou com arte, ou mesmo num laboratório de pesquisa, onde requer esforço para desenvolvê-lo. Logo, trabalho diferencia-se de emprego, pois este faz parte do “rolê do capitalismo”, no qual se condiciona a classe trabalhadora a produzir mais valor. Em *O Capital*, Karl Marx explica o processo de produção e mais valia descrevendo

inicialmente a mercadoria, uma vez que a classe trabalhadora entra em contato de forma alienada. Se o trabalho gera valor e riqueza, a riqueza vem do trabalho e quanto mais trabalhado mais valor far-se-á para a classe dominante. Assim, interpreta-se o valor enquanto quantidade de trabalho e tempo socialmente construído para produzir a mercadoria. Os produtos ao entrarem em circulação são trocados por dinheiro através do consumo e reinvestidos novamente no processo de produção formando assim uma cadeia cíclica (MARX, 1982). Três elementos constitutivos são ímpares neste processo: salário, produção e mais valia. Quando o Palhaço refere-se à fabricação de vassouras (produção), evidencia que do esforço do trabalho extrai-se a discrepância contraditória entre o valor criado para os interesses do capital por meio do trabalho não pago (mais valia) e a remuneração (salário) das trabalhadoras e dos trabalhadores produtivos. Para manter-se no mercado, a classe dominante, em meio à concorrência, encontra-se em constante inovação. Com o desenvolvimento da globalização e da tecnologia, houve um aumento da produção e contraditoriamente maior substituição do trabalho vivo (seres humanos) por trabalho morto (máquinas). O aumento da produtividade submete trabalhadoras e trabalhadores ao domínio do capital, assim, enriquecendo o poder do capital sobre o trabalho (IAMAMOTO, 2012).

A Contorcionista ao ser questionada afirma que o trabalho,

É fundamental, né? É quando a gente consegue somar a nossa atitude, a nossa atividade consegue somar coletivamente, né? Porque não adianta eu ficar empilhando pedrinhas, hã, quando não adianta eu fazer um trabalho que não some num processo coletivo, certo? Ele deixa de ser trabalho na minha opinião, ele pode ser uma atividade é, terapêutica, uma atividade qualquer, quando tu consegue somar dentro de um processo coletivo, aquilo é um trabalho. E eu acho que o trabalho ele é fundamental desde que ele não seja escravo, desde que ele seja autônomo né, desde que ele não seja lá obrigatório e que respeite a criatividade, a maneira de ser de cada um, né? (CONTORCIONISTA, 2016)

A artista de rua compreende o trabalho como qualquer atividade direcionada para o coletivo, tendo em vista o caráter somatório e nega sua apropriação, bem como o trabalho escravo. Este último, que era o modelo antigo do modo de produção, vem a ser evidenciado pela Organização

Internacional do Trabalho (2016) por ser um fenômeno global e dinâmico ao envolver diferentes níveis de escravidão moderna. Desse modo, totaliza 21 milhões de pessoas em trabalhos forçados, destas, 11,4 milhões são mulheres e meninas e 9,5 milhões são homens e meninos. O trabalho como categoria fundante do ser social requer processos de socialização, pois é basicamente histórico e social. No capitalismo, tende a tornar-se condição de subsistência, individualismo e competitividade perdendo o viés coletivo (KONDER, 1981). A Contorcionista salienta a necessidade de respeito à autonomia e liberdade de criação do ser social. Essa liberdade de criação implica no trabalho vivo expresso no ato teleológico, interação entre subjetividade e objetividade, necessidade e liberdade. O trabalho é um processo e a arte - poesia, música, literatura - presume criação, tempo e liberdade seguida de sentido, humanização e a emancipação em seu ápice (ANTUNES, 2007).

A Bonequeira define trabalho da seguinte forma,

Eu acho que o trabalho artístico ele é muito purificado, tu tem muito tempo de estudo e de, é como um destilado, né? Ele vai ferver levantar, bater lá no cobre e então pingar e depois disso é que ele vai tá pronto, então o trabalho artístico é esse processo de pre-pa-rar uma obra pra estar pronta pra ir para a rua. (BONEQUEIRA, 2016)

A Bonequeira refere-se ao trabalho artístico como tempo de dedicação para o processo de preparação para realização das atividades a serem exercidas nas ruas da cidade. Observa-se assim a dimensão teleológica do processo de trabalho, pois implica projetar a imagem do resultado a ser alcançado. O ser humano difere-se dos animais, uma vez que estes agem por instinto. Uma aranha, por exemplo, realiza atividades semelhantes ao de artesãs e artesãos, assim como a abelha, que ao construir favos nas colmeias, se assemelha às arquitetas e aos arquitetos. O trabalho artesanal, bem como da arquitetura, requer a capacidade de idealizar, projetar, preparar, planejar, pensar e raciocinar, isto é, ter consciência para transformar algo. Mulheres e homens adquirem riqueza por meio da criação de objetos humanizados e assim afirmam sua existência no mundo. Este trabalho concreto, ou seja, oposto ao abstrato, tende a representar criação, prazer e expressão. O trabalho

não idealizado torna-se estranhado, uma vez que invade o mundo do trabalho como forma de obstáculo à expressão da personalidade de mulheres e homens na lógica perversa do capitalismo (ALBORNOZ, 1992).

Assim, outro artista de rua relata o que entende por trabalho,

É um tempo que eu dedico. Gasto energia, tempo, né? Estudo pra executar algo assim né? Resumindo, né? [...] uma coisa é a arte e a outra é eu ser trabalhador da arte, né? Pode ser que eu leve a vida toda e não consiga fazer a arte né? Pode ser que eu não consiga fazer a arte, pode ser que alguém que possa ser transitório ele venha e faça a arte, mas ele não é trabalhador daquilo, ele não 'vive' daquilo, né? Eu vivo daquilo, eu passo fome, eu pago conta, por mais que eu consiga atingir a arte, a qualidade né? Então, o trabalho pra mim começa a se pensar essa qualidade de trabalho, esse universo de ambiente de trabalho, funções, né? Até pra gente não ser explorado, nem explorar, às vezes não fica claro, mas quando vai pra esse universo, aí vai pra um campo também de direitos que é o direito trabalhista né? De carga horária, de ensaio, de pensar na velhice, então o trabalho pra mim hoje traz isso, enfim acho que é por aí (PERFORMER, 2016)

O Performer ao significar trabalho descreve aspectos como tempo, dedicação, energia despendida e estudo para concretização. Sua dimensão da força de trabalho concreto envolve elementos construídos historicamente, como o uso da capacidade física, intelectual, mental/emocional. Ao passo em que se remete à realização de atividades artísticas como formas esporádicas ou de subsistência. O artista afirma buscar as necessidades básicas de subsistência - morar, comer, beber, vestir, pagar contas - por meio do trabalho artístico, uma vez que se considera trabalhador da arte. Este vem a ser outro artista de rua que também nega a exploração do trabalho, além de citar outras questões decorrentes disto, como direitos trabalhistas, tal como aposentadoria. Evidencia-se assim um elemento da classe-que-vive-do-trabalho ao envolver o trabalho improdutivo desenvolvido por meio do uso público, como no caso do Performer, na medida em que não se constitui processo de valorização do capital (ANTUNES, 2003).

Já para o Músico trabalho significa,

Ah, o que eu entendo por trabalho - o meu pai costumava dizer - as pessoas chegavam pra dizer assim:” Pô! Tu não consegue um trabalho

pra mim, tu não consegues um emprego pra mim?”, e ele dizia: “Tá, mas tu quer trabalho ou emprego? Trabalho é uma coisa, emprego é outra [risos] trabalho sempre tem, emprego é mais difícil, né. Trabalho sempre tem e tal”. Sei lá, tem o trabalho do ponto de vista da física até, né? Que também tem tudo a ver com o conceito mais amplo de trabalho, assim, né? Trabalho eu acho que é uma coisa pra qual a pessoa se dedica, não necessariamente remunerada, né? Emprego sim. Emprego teoricamente tem que ter remuneração [risos]. Trabalho não, né? Trabalho acho que é uma coisa que se empreende, uma coisa que se a pessoa se dedica a fazer, se botar numa de fazer e se dedica a fazer (MÚSICO, 2016)

Baseado nos conhecimentos trazidos pelo pai, o Músico diferencia trabalho e emprego e afirma que “trabalho sempre tem” e “emprego é mais difícil”. Assim, compreende trabalho enquanto atividade permanente dedicada para algo sem necessidade de remuneração constante. E, compara com o ponto de vista da física, uma vez que nesta evidencia-se a relação entre força e deslocamento do corpo em movimento num determinado tempo no qual se entende por produto (ALBORNOZ, 1992). Em Marx, o trabalho não necessariamente é remunerado, pois vem a ser atividade vital na produção e na reprodução da vida em sociedade. Embora relevante enquanto realização do ser humano, o trabalho na sociedade capitalista desenvolve-se de forma alienada, como foi citado anteriormente. O termo “emprego” significa a relação entre o indivíduo e a realização de atividades produtivas que geram rendimento para o capital. Esta expressão surgiu no período histórico da pré-indústria, no qual já havia produção da classe trabalhadora. Na contemporaneidade, emprego significa subsistência em troca de salário. Desta forma, o emprego passa a ser um caminho possível de segurança, sucesso, realização nas vendas e porta de acesso ao consumo (COLOSSI et al., 1997).

Para outro artista, “[...] trabalho é algo que tu faz, que tu gosta de fazer, que tu faz e te sustenta, de uma certa forma te sustenta [...]” (ARTISTA CIRCENSE, 2016). Neste caso, trabalho remete-se a uma forma de prazer e sustento onde, diante do viés autônomo, o artista possui a liberdade de criação enquanto realização. Assim, busca garantir sua subsistência e satisfação. Tal relato contrapõe-se ao trabalho na fábrica, como nas linhas de montagem, onde há controle sobre a produtividade e o tempo de realização da atividade. Neste caso, o prazer diante da jornada de trabalho é dificultado, “[...] mesmo

que a ideologia atual e os departamentos de psicologia encarregados do pessoal das fábricas muitas vezes se esforcem para dourar a pílula com música ambiental [...]” (ALBORNOZ, 1992). O artista de rua tende a fazer parte de todo processo de planejamento da produção do trabalho, tendo ciência e obtendo significado da atividade realizada. Nesse sentido, há maior sincronia entre prazer e sustento desenvolvido por meio das habilidades e dos conhecimentos das artistas e dos artistas, bem como uma forma alternativa do modo de vida dentro do capitalismo. Por outro lado, “[...] o trabalho hoje é uma espécie de negativo daquele artesanal, ou o seu oposto. No mundo industrial, falta o vínculo entre trabalho e resto da vida. Para agir livremente deixa-se o tempo que sobra do trabalho [...]” (ALBORNOZ, 1992). E com isso, fragmenta-se trabalho, lazer, prazer, cultura e todas as formas de elevação espiritual do ser social por meio de atividades impostas, obrigadas a realização, como necessidade extrínseca (ANTUNES, 2007). Destaca-se a breve comparação entre o trabalho artesanal e o trabalho na fábrica, porém, não se considera uma verdade absoluta, na medida em que pode haver realização e desrealização em ambas as esferas. No Quadro 2 segue a síntese das categorias extraídas a partir da resposta de cada entrevista.

Evidencia-se que a maioria das/dos sete (7) artistas de rua entende trabalho como uma forma de realização, em contraponto à exploração da classe trabalhadora. Desvendou-se que o trabalho obtém sentido quando somado na atividade coletiva, isto é, socializado. Além disso, significa dedicação, energia despendida e planejamento (processo de trabalho), tal como prazer e sustento.

ARTISTA	ENTREVISTA
Ator	Exploração do Trabalho e Horizontalidade
Palhaço	Trabalho (realização) x emprego (mais valia)
Contorcionista	Processo coletivo

Bonequeira	Processo de trabalho
Performer	Tempo, dedicação, energia despendida (sem exploração)
Músico	Trabalho x emprego
Artista Circense	Prazer e sustento

Quadro 2: Descrição das categorias apresentadas por artistas de rua sobre a pergunta “O que você entende por trabalho?”. Entrevistas coletadas e analisadas pela pesquisadora (2016).

A partir da análise dos subtítulos 1 e 2 deste capítulo, é possível entender o significado de arte e trabalho para artistas de rua. Para a Bonequeira, arte significa liberdade, ao passo que trabalho é purificação e preparação. Já para o Performer, arte é liberdade e provocação, sendo trabalho energia despendida. O Palhaço acredita que arte é expressão, e trabalho é livre criação. Para o Artista Circense, arte é liberdade, ao passo que trabalho é prazer e sustento. Já a Contorcista significa arte como forma de expressão, e trabalho enquanto processo coletivo. Para o Ator, arte é cotidiano e deve ser Arte Pública, enquanto trabalho requer horizontalidade. E por último, o Músico significa arte como resistência, e entende trabalho como dedicação a algo.

Como apresentada pelas artistas e pelos artistas, liberdade de criação é algo inerente ao trabalho artístico. No entanto, dentro do sistema capitalista a arte torna-se mercadoria, o que torna limitado e até mesmo negado o trabalho criador livre. A arte de rua, além de ser forma de resistência, também é trabalho concreto, uma vez que há sentido no processo de criação. A liberdade plena de toda classe trabalhadora presume a superação do modo de produção atual e o desenvolvimento das habilidades humanas conforme as capacidades de cada ser. Dessa forma, trabalho deve ser entendido como realização e significado, permitindo uma nova sociabilidade humana. Para tanto, necessita-se da organização da classe trabalhadora e da práxis social, isto é, da transformação social por meio da prática coletiva junto do avanço da consciência de classe. Assim, “[...] a libertação do indivíduo singular poderá ser alcançada na medida em que, superando as barreiras locais e nacionais e

destruindo a forma de capital, dispor a riqueza genérica humana do mundo inteiro à plenificação de todos os indivíduos [...]” (RAGO, 2013, p.21, 22).

Na conjuntura atual, o mundo do trabalho vem sendo permeado por competição, baixos salários, individualismo, subcontratação, desregulamentação, flexibilização, terceirização, informalidade e desproteção social, advindas por meio das transformações e metamorfoses nas últimas décadas. Tais eventos são resultados de uma lógica societal na qual o capitalismo tende a prevalecer e a impactar na precarização sobre a força de trabalho. Torna-se evidente a necessidade de alterar a lógica perversa do capitalismo, uma vez que a produção deve ser voltada para o valor de uso, livre criação e não para a lógica destrutiva do mercado e acumulação de riqueza concentrada para a minoria da sociedade (ANTUNES, 2007).

A lógica do consumo prevalece e o trabalho concreto de artistas de rua tende à desvalorização, tendo em vista que a indústria da arte e sua ideia de classe dominante direcionam o conjunto das relações sociais por meio do campo das ideias ao afirmar o que é ou não arte. Embora a arte de rua possa colorir a cidade, o mundo do trabalho artístico encontra-se sob a égide neoliberal, e o valor de uso da arte transforma-se cada vez mais em mercadoria. Diante deste cenário que impacta nas condições e modo de vida das trabalhadoras e dos trabalhadores da arte, faz-se pertinente desvendar as condições do trabalho artístico realizado nas ruas de Porto Alegre.

3. CONDIÇÕES DO TRABALHO ARTÍSTICO NAS RUAS DE PORTO ALEGRE

Este capítulo tem como intuito desvendar as dificuldades para realização do trabalho artístico nas ruas de Porto Alegre. A partir da fala de artistas de rua, evidenciaram-se três (3) categorias frequentes: financiamento cultural, preconceito e uso dos espaços públicos. Dado que cada artista expressou mais de uma categoria, identificou-se que de sete (7) artistas, cinco (5) evidenciaram aspectos relacionados ao financiamento, quatro (4) relataram o preconceito como dificuldade para trabalhar na rua e dois (2) discorreram sobre os entraves burocráticos em relação ao uso dos espaços públicos, bem como questões climáticas.

Os investimentos na cultura vêm passando por intensas reduções orçamentárias nos últimos anos, impactando não somente ao segmento que realiza o trabalho artístico, bem como no acesso da sociedade à cultura (FERREIRA, 2016). Em 2015, apenas 0,04% do Orçamento Geral da União foi destinado para cultura (AUDITORIA CIDADÃ, 2015), o que demonstra uma real contradição à Constituição Federal de 88 que pressupõe “[...] proporcionar os meios de acesso à cultura [...]” (CF/88, Cap. II, artº 23, V) e a garantia ao lazer. Em 2016, surge a Proposta da Emenda Constitucional 241 ou Proposta da Emenda Constitucional 55, popularmente conhecida por “PEC do Fim do Mundo”, atacando diretamente o Estado Democrático de Direito da população. Tal proposta implica no congelamento em investimentos públicos por vinte (20) anos, tendo como argumento o controle das contas públicas, bem como o crescimento econômico para favorecer novos empregos para a classe trabalhadora. Ademais, o possível controle afeta direitos previstos na Constituição Federal, como saúde, educação, assistência social, previdência social, cultura e demais políticas sociais. Desta forma, “[...] fica mais do que evidente que se trata de manter a capacidade do Estado em cumprir sua função essencial no período em que estamos, qual seja, manter a capacidade de produzir superávits que serão sugados pelo mecanismo do endividamento público [...]” (IASI, 2016, s/p). Em 2016, artistas de diferentes segmentos, incluindo artistas de rua, organizaram-se contra o retrocesso das políticas

sociais e a tentativa de retirada do Ministério da Cultura – MinC. O movimento de oposição de artistas contra a extinção do Ministério ficou conhecido como OcupaMinC e esteve presente em mais de 20 Estados do Brasil (FERREIRA, 2016).

O financiamento da cultura é elemento central no que tange às condições de trabalho de artistas de rua em Porto Alegre. Compreende-se tal aspecto pela busca de recursos por meio do poder público ou de entidades privadas como subsídio para o desenvolvimento de atividades artísticas. Diante disso, parte-se para a primeira fala de uma artista de rua,

[...] eu preciso ter figurino, eu preciso ter enredo, eu preciso tá ensaiada, então a grande dificuldade, é eu acho, que a primeira coisa que se esbarra pra fazer a arte é na questão financeira porque tu tem que primeiro financiar um projeto para concorrer ao risco de ter um financiamento (BONEQUEIRA, 2016)

Ao ser entrevistada, a Bonequeira afirma que uma das maiores dificuldades para realizar o trabalho artístico vem a ser o financiamento, logo, a falta de apoio. Além disso, evidencia as etapas burocráticas e seletivas para possivelmente efetivar o projeto. Quando a artista refere-se aos figurinos, enredos e ensaios demonstra as necessidades para se manifestar artisticamente, uma vez que utiliza fantoches para atuar em peças teatrais na rua.

Já para o Performer, a forma de financiamento vincula-se ao conservadorismo da sociedade, pois

O preconceito e a mentalidade conservadora, pra poder avançar em investimentos, em leis, saca, hein? E acho que botaria uma terceira que é a ignorância, porque muitas vezes a pessoa até também quer, mas não sabe como né? Se pode tá numa gestão quer inclusive, mas não sabe como. Então eu acho que se tu dialoga com o setor, nossa! Eu acho que a gente tem um exemplo muito claro que foi desde que a gente começou, conseguiu fazer com que o *FAC (o Fundo de Apoio a Cultura do Estado)* começasse a movimentar (PERFORMER, 2016)

O Performer compreende que o preconceito baseado na mentalidade conservadora e a ignorância da sociedade tendem a inviabilizar os avanços dos investimentos em cultura, inclusive da atuação da gestão. O artista manifesta-se por meio do nu artístico e do uso do rapel, uma vez que busca dialogar com a arquitetura da cidade, bem como legitimar o corpo como algo natural, logo sem mistificações e preconceitos. Em sua fala, o artista traz exemplos de segmentos artísticos que conseguiram financiamento com a gestão por meio do diálogo e do tensionamento coletivo.

E daí entrou um governo que no início não acreditava, a gente brigou, viu a potencialidade e investiu nisso e no final do governo né, que foi o primeiro governo que era do Tarso, [palavra incompreensível] pela primeira implantação né, foi em 2011, começou o 1º enfim, e com R\$ 800,000 mil e depois R\$ 10.000.000,00 milhões. A gente chegou de um ano pra outro a uma coisa que não existia, R\$ 10.000.000,00 milhões, só nas Artes Cênicas nós tivemos em 2014, 17 projetos aprovados das Artes Cênicas, desses 17, 3 deles foram um da *Terreira* que foi meio milhão, um de *Festival de Bonecos* de R\$ 250 mil, um *Festival de Circo* 250 mil. Só em 3 projetos dos 17 tinha 1 milhão investido, então são 17, a gente chega a quase 3 milhões investidos nas artes cênicas (PERFORMER, 2016)

O artista relata que, a partir de então, o Fundo de Apoio a Cultura do Estado - FAC ampliou a verba pública para projetos culturais, apesar de no início ter se mostrado resistente. De todo modo, em 2011 foram R\$ 800.000,00 reais investidos nas Artes Cênicas e em 2012, R\$ 10.000.000,00 milhões, isto é R\$ 9.200.000,00 a mais, representando um aumento de 1150%, com dezessete (17) projetos aprovados.

O Ator manifesta-se por meio de personagens a fim de interpretar enredos pelas ruas da cidade. O empecilho em relação às condições de trabalho vem a ser a tentativa de implantação de uma minuta de Decreto, identificada por artistas de rua e demais segmentos da sociedade,

Primeiro o decreto [...] que tá aí e quer dificultar. A gente conseguiu a Lei do Artista de Rua [...] Outras coisas: os fundos municipais de cultura. Porque tu falou especificamente de *Porto Alegre*. O fundo municipal de cultura, na minha posição, e eu tenho claro isso, ano passado ele foi um milhão, ele pode ser dez milhões desde que a gente direcione e objetive isso, né [...] nesse sentido né, de que a gente transforme a cultura em *Porto Alegre* e que a cultura seja propaganda da prefeitura e não da televisão, sabe? (ATOR, 2016)

Elaborado pelo Poder Público Municipal em 2016, esta minuta do decreto tinha como intuito organizar eventos, atividades recreativas, políticas, culturais, religiosas, esportivas, institucionais ou promocionais, comunitárias, planejadas ou não. Esta minuta, além de cercear qualquer acúmulo de pessoas nos espaços públicos, previa pagamento de taxa, bem como autorização para a realização de qualquer atividade. Desta forma, coibia não somente artistas de rua, como também a sociedade em geral (OCUPA MINC, 2016) ao contraditoriamente deslegitimar o Art.1º da Lei de Artistas de Rua nº 11.586, de 5 de março de 2014, elaborada pelo próprio segmento artístico. Nela consta a liberdade para manifestar-se artisticamente em espaços abertos da cidade, como praças, anfiteatros, largos e vias. Além disto, violenta preceitos da Constituição Federal de 88, essenciais numa sociedade democrática, como liberdade de expressão (art. 5º, IV) e liberdade de reunião e de manifestação independente de autorização (art. 5º, XVI). Para o Ator, outro fator tão importante quanto esta restrição, vem a ser o financiamento da cultura.

A gente faz cultura, a gente quer fazer cultura, né? Eu abro mão até do que eu tô fazendo hoje pra conseguir que muito mais gente possa fazer, mas é um ideal, é uma opção minha. E acho que é possível, acho que a lei de fomento, também do teatro em *Porto Alegre*, é ridículo a verba, sabe?! Acho que dá pra aumentar, acho que tu tem que vincular o orçamento. Por exemplo; eu vou dar um exemplo claro: o *Fundo Municipal De Cultura* que é o *Fumproarte*, ele deveria ser 10% do orçamento da SMC. A SMC já teve 2,4 do orçamento! Hoje é 0,79! (ATOR, 2016)

Ao dizer que “abre mão” do que faz para dedicar-se à garantia de destinação de verba para a cultura, subentende-se que o artista direciona parte

do seu tempo para lutar por mais acesso financeiro à arte e melhores condições para realizar o trabalho. Frente a isto, o Ator destaca o baixo percentual em investimentos para o teatro e a possibilidade do aumento de verba. Nesta perspectiva, cita como exemplo o FUMPROART, que já teve o orçamento de 2,4% e atualmente é de 0,79%. Assim, isto demonstra o acirramento dos cortes públicos, tendo em vista que o ideal deveria ser 10%. Ademais, relata a possibilidade de crescimento dos investimentos na cultura da cidade, desde que haja planejamento e direcionamento da ação a ser desenvolvida. O artista menciona a necessidade da transformação da cultura na cidade com o apoio da prefeitura ao invés da televisão, uma vez que este tem como intuito investir na arte de rua para Porto Alegre.

Outro entrevistado é o Palhaço que busca humanizar a sociedade por meio do ridículo e do cômico. Ao responder sobre as condições de trabalho, relata sobre a falta de apoio do Estado pois,

A falta de apoio né? Do Estado então nem se conta, né? Porque hoje pra tu receber é muito difícil assim um apoio, principalmente como autônomo, né? Se tu participar de um coletivo ou junto com outras pessoas de grupos, sindicatos, sei lá, alguma coisa maior, mais organizado assim, ainda, 'ainda' com um certo esforço tu consegue buscar, pleitear e batalhar por algum apoio 'mínimo' assim e é difícil, tu vê quem vai atrás desses apoios assim, é difícil, é muito difícil, mas como autônomo assim é só na garra mesmo (PALHAÇO, 2016)

O artista de rua evidencia a falta de apoio do Estado e relata maiores empecilhos quando o trabalho artístico nas ruas vem a ser realizado individualmente. Isto se dá pelo fato de que projetos que envolvam organizações coletivas (grupos, sindicatos, dentre outros) tendem a ter maior probabilidade de aprovação do que quando realizado de forma individual. O Palhaço atua sozinho nos semáforos de Porto Alegre e os segmentos artísticos do qual conhece atuam em grupos e disputam editais específicos para mais de uma pessoa, por isso, relata a dificuldade enquanto trabalhador de forma autônoma.

O Artista Circense que realiza espetáculos de circo-teatro nas ruas de Porto Alegre, nega haver dificuldades para realizar o trabalho artístico, porém destaca que,

[...] quando a gente trabalha em outros lugares fora do Brasil, tu recebe de uma forma bem melhor do que aqui, mas isso é cultural, isso é o brasileiro que precisa aprender que o que ele tá assistindo é um espetáculo e que ele deve colocar o valor de um espetáculo no chapéu e não uma moeda ou valor de um pirulito, de alguma coisa né? Isso é uma coisa cultural que a população no Brasil, tá entendendo, tá começando a entender, tá começando a perceber, isso depende muito do artista educar, eu tenho certeza que se a gente continuar apresentando aqui no Brique espetáculos de boa qualidade e educando o público, falando que o chapéu é o ingresso, que o chapéu é a forma de manter essa artista aqui, assim, ãh, a coisa vai crescendo. Como eu falei, há muito tempo eu trabalho aqui e sempre foi melhorando, sempre foi melhorando, então eu não vejo tanta dificuldade (ARTISTA CIRCENSE, 2016)

O Artista Circense compara o Brasil com outros países e alude sobre a questão cultural, tendo em vista as particularidades dos países. Em relação ao Brasil, evidencia a baixa contribuição do público ao assistir ao espetáculo, pois muitas vezes o pagamento pela arte de rua é um valor irrisório. Porém, compreende que depende da artista e do artista realizar bons espetáculos e educar a população, pois afirma que assim o chapéu tende a tornar-se o valor de um ingresso e garantia da subsistência de quem trabalha com arte de rua.

Diante dos elementos trazidos a partir das especificidades artísticas, evidenciaram-se as dificuldades de acesso, entraves burocráticos, o conservadorismo, a falta de apoio do Estado, bem como os aspectos culturais da sociedade. De cinco (5) artistas, quatro (4) identificam-se pelo alto grau de dificuldade e apenas um (1) demonstra um baixo grau de dificuldade em relação ao financiamento da cultura. O Quadro 3 apresenta um resumo das respostas.

ARTISTA	ENTREVISTA
Bonequeira	Alto

Performer	Alto
Ator	Alto
Palhaço	Alto
Artista Circense	Baixo

Quadro 3: Descrição do grau de dificuldade de financiamento cultural relatado por artistas de rua a partir da pergunta “Existem dificuldades para a realização do trabalho artístico em Porto Alegre? Se sim, quais.” Entrevistas coletadas e analisadas pela pesquisadora (2016).

Em síntese, e retomando a reflexão teórica, o financiamento da cultura pressupõe a intervenção do Estado que realiza mediação entre o público e o privado. Em tese, o Estado deveria ser o elemento central para garantir políticas sociais envolvendo diretamente os direitos culturais da sociedade. Este processo engloba três elementos constitutivos: Orçamento Público, Fundo e Incentivo Fiscal. O primeiro elemento tende a subsidiar a máquina pública por meio de pagamento de pessoal, bem como equipamentos culturais. O segundo remete à execução e/ou apoio a projetos, programas e ações culturais mediante Poder Público e sociedade. E o último, ocorre mediante isenção de impostos cobrados pelo governo, ou seja, pela renúncia fiscal, bem como o intermédio de patrocínios (SISTEMA NACIONAL DE CULTURA, 2012).

Outra categoria emergente em relação às condições para exercer o trabalho artístico nas ruas da capital vem a ser o preconceito. Entende-se por preconceito uma forma de expressão da questão social desenvolvida no conjunto das relações sociais de cunho conservador por meio de diferentes formas de desvalorização presentes na sociedade burguesa.

Ao perguntar sobre as dificuldades de realizar o trabalho artístico, a Bonequeira diz que Porto Alegre,

[...] é uma cidade um pouco agressiva, nem sempre ela aceita que tu te apresente, nem sempre a população aceita o teu trabalho, te recebe bem e os espaços públicos não são assim os mais democráticos e livres pra apresentação (BONEQUEIRA, 2016)

A artista retrata Porto Alegre como uma “cidade um pouco agressiva”, apesar da boa qualidade das atividades artísticas executadas nas ruas, existe preconceito por parte da sociedade ao passo que os espaços públicos tendem a não ser tão livres e democráticos. O estilo de apresentação da Bonequeira é dialogar com o público utilizando roupas rasgadas e falas irônicas. Suas apresentações exercem a função de arte crítica, logo, questionam a forma como funciona a sociedade. Em relação aos espaços públicos livres e democráticos, aborda a elaboração da minuta de Decreto, na qual tendia a cercear o livre exercício não somente de artistas de rua, mas da sociedade em geral.

Outra artista de rua, Contorcionista, menciona que em Porto Alegre tem

[...] outra barreira que a gente vê muito forte que não é em relação à leis é com a própria cultura das pessoas assim, é muito forte. As pessoas preferem vê aquilo, tão cada vez mais formatadas no seu gosto cultural, preferem vê aquilo que elas conhecem, aquilo que disseram pra elas que é bom, sem nem parar pra ver o que tá acontecendo e tomar suas próprias conclusões, sabe? Então a gente percebe bastante, assim, por exemplo, é com os circos. Os circos hoje em dia pra sobreviverem eles tem que botar show da *Peppa Pig*, show da *Frozen* no meio do espetáculo que é só bonecos dançando e “isso” pra que o público venha assistir o circo, se eles não colocam eles não vêm. Então não é que o circo quer colocar esses personagens ali, se não que eles se veem obrigados pra que garanta o público nas atividades deles e essa chamada do público acontece muito na rua também. Então as pessoas têm uma cultura assim tipo “ah, se tá na rua é porque não é bom” [...] (CONTORCIONISTA, 2016)

Para manifestar-se artisticamente, a Contorcionista utiliza-se basicamente da expressão corporal em diversos espaços da cidade e, no final da apresentação, costuma passar o chapéu como forma espontânea do público contribuir. A artista refere-se ao gosto cultural da população, uma vez que tendem a significar a arte pelo que está na mídia e na indústria cultural. Há certo menosprezo por parte da sociedade em relação à arte de rua, quando interpreta que se fosse bom estaria sob contrato. Desta forma, faria parte das telas do cinema e da televisão, por exemplo, assim, relacionam a qualidade da arte por meio da visibilidade midiática. Os Circos em alguns momentos

utilizam-se de shows da Peppa Pig e de Frozen como estratégias no meio do espetáculo para atrair o público. Fato este que resulta da pressão social mediada pela cultura de massas, com forte influência da publicidade e de toda arte do consumo.

Já o Performer, evidencia a arte na grande mídia, bem como a desvalorização da sociedade ao que concerne à arte de rua, pois

[...] a gente vive num país que não valoriza nem um pouco a arte, né? E mais, talvez valoriza somente um tipo de arte e que ainda dependendo não é arte, não que o entretenimento não seja arte, tem arte lá, mas nem sempre [...] Acho que tem aí uma influência muito grande da mídia, né? E a mídia vende um tipo de arte de consumo ou produto de consumo da arte, sei lá, e aí vem o preconceito de que, “bah! o cara tá na rua” [...] (PERFORMER, 2016)

Verifica-se que este elemento relacionado ao preconceito condiz com a influência da mídia e da arte de consumo. O Performer evidencia a presença da arte no entretenimento que, embora não seja sempre assim, tende a ser direcionada para o público como forma de consumo. Dada a afirmativa, o artista considera que há uma desvalorização da arte de rua no Brasil ao passo que a sociedade tende a valorizar a arte televisiva. Logo, a sociedade ao evidenciar a arte de rua como inferior à midiática, pressupõe que o artista de rua encontra-se inferiorizado. Ademais, o artista diz

Então eu acho que aqui no Brasil tem um medo muito grande dos artistas e de que vamos realmente provocar uma revolução e que não pode ir pra rua [risos]. Eu pego esse do preconceito, aí tu imagina como é que eu vou convencer um político ou um prefeito, um secretário a investir dinheiro nessa área ou tu pegar, tu sai do prefeito e vai pro cara que é da Fazenda, que é um economista, que, provavelmente se vai no teatro, ele vai só no *Teatro São Pedro*, se ele vai no circo, ele só vai no circo de *Soleil*, entende? (PERFORMER, 2016)

Subentende-se que a sociedade e/ou a grande mídia interpreta que artistas de rua, por estarem na rua, tendem a provocar uma revolução. Uma das particularidades do trabalho artístico do Performer é a desconstrução dos

padrões estabelecidos pelo conservadorismo social através de apresentações envolvendo nu artístico. Ademais, refere-se aos entraves de convencer figuras do poder público a investir verba na cultura, pois apreciam somente artes expostas em salas, tendendo a negar a importância da arte realizada nas ruas.

No que tange ainda ao preconceito, o Palhaço expressa-se da seguinte forma:

Olha, no meio do semáforo assim, a maior dificuldade às vezes [...] são desmotivação né? Das pessoas assim, a cultura assim em que a arte não é trabalho, então muitas pessoas passam e falam: “Vai trabalhar, vagabundo! Vai estudar! Vai arranjar um trabalho! Vai capinar um jardim!”. Então as pessoas não entendem a arte como um trabalho, né? (PALHAÇO, 2016)

O artista afirma que esses elementos vindos da sociedade o desmotivam na medida em que negam a arte de rua como trabalho. Ao exercer o trabalho artístico nos semáforos e/ou sinaléticas, relata a desmotivação seguida do preconceito. Retrata experiências vividas nas ruas de Porto Alegre, como ouvir as pessoas o mandando capinar um jardim, arranjar um trabalho, estudar, bem como ser chamado de vagabundo. Percebe-se nesta fala o preconceito da sociedade justamente por não compreender outras formas alternativas de trabalho, diferentes das estabelecidas pelos padrões do capitalismo, como por exemplo, a jornada de 8h/dia. Ademais, identificou-se a forte presença e significância da arte de sala, isto é, uma arte mais formal, assim como a televisiva, em detrimento da arte de rua, uma arte alternativa e autônoma às instituições e às grandes publicidades e propagandas lucrativas.

Em síntese, identificou-se quatro (4) artistas que mencionaram o preconceito como uma das dificuldades para realizar o trabalho artístico nas ruas. Para a Bonequeira, Porto Alegre vem a ser uma cidade agressiva e preconceituosa, já para a Contorcionista há uma hierarquia entre arte midiática e arte de rua, bem como para o Performer, que evidencia também a arte do consumo, isto é, a arte como fonte de mercadoria. Por último, o Palhaço demonstra desmotivação dada a negação da sociedade em reconhecer o

trabalho artístico de rua. No Quadro 4 segue a síntese das respostas de cada entrevista.

ARTISTA	ENTREVISTA
Bonequeira	Cidade agressiva/ Falta de democracia nos espaços públicos
Contorcionista	Gosto cultural (mídia e indústria cultura)
Performer	Mídia e arte do consumo
Palhaço	Incompreensão da arte como trabalho

Quadro 4: Descrição das respostas dadas por artistas de rua a partir da categoria Preconceito. Entrevistas coletadas e analisadas pela pesquisadora (2016).

Ao retomar a reflexão teórica sobre o preconceito, evidencia-se seu desenvolvimento dado o cunho conservador da sociedade capitalista. Este elemento surge por meio de aspectos dogmáticos ao passo em que tende a haver receio ao que é novo e diferente dos padrões estabelecidos em sociedade. O preconceito vem a ser o juízo de valor de uma ideia pré-concebida, passada de geração para geração por meio de distintas culturas. Esta ideia pré-estabelecida torna-se diminuta na medida em que o conhecimento desmistifica a verdade absoluta (CHAUI, 2000).

Já vimos que a pergunta 4 “Existem dificuldades para realizar o trabalho artístico nas ruas de Porto Alegre? Se sim, quais.” aplicada por meio da entrevista com artistas de rua, suscitou três (3) categorias emergentes, são elas: Financiamento Cultural; Preconceito; e Espaços Públicos.

Em relação aos Espaços Públicos, observou-se que há uma relação contraditória entre a negação de seu uso e o direito à cidade. Esta é evidenciada por ser inerente à cidade e estar presente em diferentes lugares, como parques, praças e ruas. Tal direito envolve questões imateriais (significados, sentimentos, conflitos) e materiais (infraestrutura), bem como a relação de famílias, empresas, artistas de rua e sociedade em geral. Devido às particularidades de cada cidade, bem como de países, há diferentes culturas e dinâmicas para usufruir dos espaços. Em Porto Alegre, o movimento *Arteiros*

de *Rua* composto por trabalhadoras e trabalhadores de diferentes manifestações artísticas ocupou o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional- IPHAN contra a retirada do MinC e contra o decreto municipal. O decreto requisitava prévia autorização, bem como taxa de cobrança pelo uso dos espaços públicos, uma vez que restringia apresentações artísticas e culturais, manifestações políticas e de cunho religioso, além de limitar a participação de no máximo trinta (30) pessoas.

Ao referenciar-se ao cerceamento do uso dos espaços públicos, a Contorcionista afirma que a questão vem a ser,

Com a prefeitura né, tem alguns lugares que não nos deixam, elas tentam barrar e aí é complicado, né? Tem, na verdade muita influência das, dos espaços privados, eles querem privatizar [...] também a via pública da frente da sua do seu estabelecimento [...] e isso na verdade é ilegal, então toda uma situação que *Porto Alegre* já vem vivendo e evoluindo nesse sentido assim, político e de direitos, né [...]

A artista afirma haver dificuldades com a prefeitura da cidade ao deslegitimar o uso dos espaços públicos em detrimento dos espaços privados, posto que os problemas também ocorrem em vias públicas na frente dos estabelecimentos. A Contorcionista remete-se à ilegalidade dessas ações ao mesmo tempo em que reconhece o crescimento pela busca de direitos,

[...] depois no mais é isso porque não temos mais barreiras, depois é a chuva como arte de rua, a chuva atrapalha bastante, por outro lado podiam ter só toldos assim públicos pela cidade, entendeu? que pudessem tá acontecendo atividades mesmo quando o tempo não tá, não é suficiente né? Tudo pode acontecer assim, que eu vejo que a prefeitura pode tá somando isso, mas o público gosta muito, gosta de vê, sempre para e sempre tá a fim de vê, né? (CONTORCIONISTA, 2016)

Outro elemento em destaque sobre as dificuldades em realizar a arte de rua são as questões climáticas, pois quando chove não existem toldos para

apresentações, o que implica tanto para as artistas e os artistas quanto para o público que deseja assistir. Ao final, a Contorcionista reitera que tem público que gosta de assistir a arte de rua e prestigia até o final da apresentação.

Outro artista de rua, o Músico afirma que,

Ainda tem as coisas, os entraves burocráticos assim né? Da administração pública, assim, que inclusive já acabou com, já pôs fim num trabalho que eu tinha assim, que era super bacana e super bem-sucedido, super bem-recebido pelo público e tal [...] a gente tinha dificuldade de conseguir autorização pra tocar na rua, né? Porque entra uma administração municipal nova [...] autorização semanalmente e aí quando tu chega no lugar pra pegar a autorização, o cara, a pessoa nunca pode te receber - agora não tá, tá em reunião, tá despachando fora, não sei o quê, não sei o quê - daqui a pouco chega o fim de semana tu não conseguiu autorização e tu não consegue tocar [...] E volta e meia aparecem essas coisas né? Minutas de decreto né? Intenções escabrosas e até meio, meio absurdas assim, sabe?! [...]

O Músico relata os entraves burocráticos do Poder Público Municipal e relembra o fim de um trabalho artístico sucedido e bem recebido pela sociedade. Os empecilhos ocorriam devido à necessidade de autorização para realizar apresentações nas ruas da cidade, posto as mudanças na administração e a falta de atendimento para o segmento da arte. Dada a conjuntura, evidencia a construção de decretos públicos permeados por regras que negam o direito de artistas exercerem suas atividades. Quanto a isso,

Pega e cria uma minuta com mil regras esdrúxulas que ele vai aplicar à todos os artistas de rua da cidade por conta de um artista de rua e que vai influenciar todos os moradores da cidade por conta de um morador da cidade, entendeu?! E é assim que os caras fazem as coisas no governo, né? Cara, digo de modo geral assim, assustador né? [...] Olha, tem, o negócio da rua tem aquelas coisas que são meio óbvias, inerentes assim, que tu depende de condições climáticas e enfim, né, de ter um movimento legal na rua, de tá no horário certo, no lugar certo, no dia certo até, né. É sabido que faz uma grande diferença tu tá no início do mês na rua, ou tu tá no fim do mês na rua, né (MÚSICO, 2016)

De todo modo, o artista considera horrenda a atitude da prefeitura quanto à criação de minutas. Embora a arte seja exercida na rua por, em tese, ser espaço público, há o cerceamento por parte do poder público municipal. Outros aspectos inerentes às atividades abertas são as questões climáticas, tendo em vista que o trabalho normalmente vem a ser exercido em locais abertos, o que torna-se entrave em dias chuvosos. Os lugares, dias e horários também se tornam pertinentes. Dependendo da região, o público é diferente. No que tange aos dias, início e final de mês tendem a ser mais propícios por conta do pagamento de salários, bem como finais de semana. E quanto aos horários, geralmente são nos intervalos de trabalho ou em momentos de lazer.

Em síntese, identificou-se que, para a Contorcionista e o Músico, a negação do uso dos espaços públicos ocorre mediante a prefeitura da cidade em favorecimento às entidades privadas, bem como pela criação de minutas ilegais de decretos que afetam o direito ao livre exercício de expressão. Outro fator inerente às apresentações públicas são as questões climáticas, pois, dependendo do clima, tendem a inviabilizar o trabalho artístico de rua. No Quadro 5 segue a síntese das respostas de cada entrevista.

ARTISTA	ENTREVISTA
Contorcionista	Prefeitura (minuta de decreto) Questões climáticas
Músico	Prefeitura (minuta de decreto) Questões climáticas

Quadro 5: Descrição das respostas dadas por artistas de rua a partir da categoria Espaços Públicos. Entrevistas coletadas e analisadas pela pesquisadora (2016).

Por fim, retoma-se brevemente a discussão teórica sobre os espaços públicos e o direito à cidade, uma vez que a sociedade capitalista sustenta-se por meio da propriedade privada e as noções de direito perdem-se em detrimento ao lucro. Ao negar o direito à cidade, fere-se também o direito humano, pois a cidade vem a ser a criação construída em sociedade e, logo, o lugar onde desenvolve-se a existência humana (HARVEY, 2008).

4. CONSIDERAÇÕES

Diante da totalidade desta dissertação, faz-se necessário retomar o problema de pesquisa que tinha como intuito responder “Quais são os significados de arte e trabalho, bem como as condições de trabalho de artistas de rua em Porto Alegre?”. Para isso, analisaram-se sete (7) manifestações artísticas - Bonequeira, Performer, Palhaço, Contorcionista, Artista Circense, Ator e Músico - por meio de duas (2) questões norteadoras. A primeira tinha como pressuposto “Conhecer qual o significado de arte e trabalho para artistas de rua?” e a segunda, “Analisar quais são as condições de trabalho em que se desenvolvem o trabalho artístico?”.

No que tange à primeira questão norteadora, descobriu-se, a partir da pesquisa de campo, três (3) elementos: prazer e sustento, liberdade de criação e arte democrática, que foram evidenciados no capítulo teórico II.

O prazer e o sustento condizem com a forma de trabalho de artistas de rua em Porto Alegre. Tendo em vista todas as jornadas de trabalho e as condições nas quais a classe trabalhadora encontra-se submetida, afirmar o trabalho como possibilidade de prazer aliado ao sustento torna-se uma forma de resistência, bem como uma finalidade do trabalho e não um meio somente para garantir as necessidades básicas de subsistência.

A liberdade de criação evidencia-se como possível elemento diante dos limites do capitalismo. Na liberdade formal do capitalismo, há liberdade de expressão e diferentes formas de liberdade, como liberdade de escolha. Logo, a liberdade que artistas de rua têm torna-se fator fundamental no processo de resistência ao que está posto.

A arte democrática presume acesso para toda sociedade, uma vez que as apresentações ocorrem em espaços abertos da cidade. A arte de rua difere da arte de sala, a primeira pode ser assistida por quem estiver passando ou passeando pela cidade. Assim, garante o direito ao lazer evidenciado na CF/88 e a contribuição do público ocorre de forma espontânea. Já a segunda, permite

o lazer, mas impossibilita que toda classe trabalhadora possa desfrutar, tendo em vista a alta taxa de preços dos ingressos.

Em relação à segunda questão norteadora, descobriu-se a partir das idas a campo, isto é, das entrevistas aplicadas com artistas de rua, três (3) elementos: a relação da arte de rua com os espaços públicos, os entraves burocráticos para o financiamento, o preconceito, desenvolvidos no capítulo teórico III.

A relação da arte de rua com os espaços públicos configura-se pela constante luta, uma vez que para realizar o trabalho artístico na cidade, a rua torna-se um local de trabalho. A negação do direito à cidade acarreta diretamente na condição de vida de artistas, bem como impacta na garantia do acesso à cultura para a sociedade.

Os entraves burocráticos para o financiamento cultural ao mesmo tempo que garantem recursos para alguns segmentos artísticos não contemplam outros. Embora artistas de grupo consigam acesso, quem trabalha individualmente praticamente não possui subsídio.

O preconceito é um dos desafios que artistas vivenciam diante do conservadorismo da sociedade. Apesar de haver qualidade na arte apresentada na rua, a arte midiática tende a ser destacada como melhor e com mais qualidade, enquanto a arte de rua é vista como inferior por estar na rua. Ademais, a sociedade reage de forma estranha ao novo, e principalmente à arte crítica.

Em síntese, descobriu-se que o modo de vida da maioria de artistas que fizeram parte desta investigação remete-se ao trabalho artístico de rua improdutivo, no qual há realização e sustento advindo por meio de contribuição espontânea. Assim, difere-se do trabalho artístico produtivo que tem como intuito transformar a arte em fonte de lucro para o capital. Logo, para transformar a arte em fonte de realização como um todo, faz-se necessária a superação do modo de produção capitalista e por sua vez a relação social contraditória que aliena tanto artistas quanto a sociedade em geral do acesso aos bens produzidos socialmente.

Deste modo, encerram-se os ensaios, treinos, corridas e ruas percorridas desta investigação. Porém, ainda haverá muitos caminhos a serem descobertos em outros momentos, como O trabalho de artistas nas ruas da América Latina. Ademais, continuam-se pertinentes novas produções do conhecimento sobre Arte e Serviço Social, uma vez que tendem a contribuir com processos de resistência ao modo de produção atual. A profissão busca também consolidar valores éticos e políticos justamente por contribuir na análise da realidade à qual vivemos. Portanto, a arte torna-se uma das formas de mediar as expressões da questão social vivenciadas pela classe trabalhadora. Assim, evidencia-se a possibilidade de inserção de assistentes sociais nos espaços de cultura a fim de instigar a elaboração, implementação e execução de fomentos culturais em nível federal, estadual e/ou municipal. Tal processo necessita de articulação e trabalho interdisciplinar com artistas de rua. Ademais, torna-se pertinente estar em defesa da Arte Pública enquanto direito da sociedade e dever do Estado Democrático de Direito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; Horkheimer, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

ANALISADOR DE TEXTO. **Analyzer Texter**. Disponível em: < <https://www.online-utility.org/text/analyzer.jsp>>. Acesso em: outubro de 2016.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II.

AUDITORIA CIDADÃ. **Lógica perversa da dívida e o orçamento de 2015**. Disponível em: <<http://www.auditoriacidada.org.br/a-logica-perversa-da-divida-e-o-orcamento-de-2015/>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BBC BRASIL. **Riqueza de 1% deve ultrapassar a dos outros 99% até 2016**. Jan/2015. Disponível em: <<
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150119_riquezas_mundo_lk>>
>. Acesso em: 12 de out. de 2015.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**/ Reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: fevereiro de 2016.

CARBONARI, J. G. **A Questão Social expressa na obra musical de Raul Seixas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

COLOSSI, Nelson; COSENTINO, Aldo; GIACOMASSA, Luciano. **Do trabalho ao emprego**: uma releitura da evolução do conceito de trabalho e a ruptura do atual modelo. 1997. Disponível em: <http://www.upf.br/cepeac/download/rev.n09>. Acesso em: outubro, 2016.

CONCEIÇÃO, Débora Guimarães da. **O Serviço Social e a prática pedagógica**: a arte como instrumento de intervenção social. In: Serv. Social. Rev. Vol. 12, n 2, p. 51-67. Londrina-PR, Brasil: 2010.

DESVENDANDO TEATRO. **Comédia**. Disponível em: <<http://www.desvendandoteatro.com/comedias.htm>>. Acesso em: agosto de 2016.

FERREIRA, Juca. **Cultura e resistência**. In: JINKINGS; Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. Por que gritamos o golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. 115-118.

FESTIVAL DE ARTISTAS DE RUA, 2016, Porto Alegre, **Casa de Cultura Mário Quintana**, 2016.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens**. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Lisboa/ Portugal: Editora Ulisseia. 1963.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Tradução: Jair Pinheiro. São Paulo: 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 20ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Trabalho e indivíduo social**. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IASI, Mauro. **A PEC 241 e o Estado**. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/10/17/a-pec-241-e-o-estado/>>. Acesso em: novembro de 2016.

JESUS, M. L. M; SANTOS, M. N. J; NASCIMENTO, T. A; SANTOS, V. N. **Arte e Serviço Social**: levantamento de fontes em eventos nacionais da área (2000-2010). In: Scientia Plena. Vol. 8, num. 12. São Cristóvão-SE, Brasil. 2012.

KONDER, Leandro. **O que é a dialética**. 25ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LONGHI, Alan. **Direito e arte**: marginalização do artesão no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso de Direito. Universidade de São Paulo, 2014.

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a transcrição de entrevistas**. In: A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação

Especial: uso e processo de análise. Marília: UNESP, 2008. Disponível em: <http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista>. Acesso em: agosto de 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; Tradução de Florestan Fernandes. **Contribuição à crítica da economia política**. 2a. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O Capital**. Tradução: Ronaldo Alves Schmidt. 7ª. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre Literatura e Arte**. 3ª. Ed. São Paulo: Global Editora, 1986.

_____; Tradução de Bruno Bauer. **A questão Judaica**. 4a. Ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MENDES, Jussara Mendes; PRATES, Jane Cruz. **Algumas reflexões acerca dos desafios para a consolidação das diretrizes curriculares**. Temporalis, Brasília, n.14, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento/ Pesquisa qualitativa em saúde**. 10ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Legislação/ Incentivo à Cultura**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/legislacao/-/asset_publisher/siXl1QMnIPZ8/content/buscar-por-assunto/10937?redirect=http%3A%2F%2Fwww.cultura.gov.br%2Flegislacao%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_siXl1QMnIPZ8%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3D_118_INSTANCE_UFVehMS15laT__column-1%26p_p_col_pos%3D1%26p_p_col_count%3D2>. Acesso em: março de 2016.

MSDELTA. **História do Blues**. Disponível em: <http://www.msdelta.com.br/historia_blues.php>. Acesso em: março de 2016.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. **Introdução ao método da teoria social**. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009, p. 770-806.

OCUPAMINC, 2016, Porto Alegre. **Assembleia sobre à Minuta de Decreto Municipal de Porto Alegre**, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016.

ORIGEM DA ARTE NA RUA. **Artistas na rua**. Disponível em: < <http://www.artistasnarua.com.br/textos/origem-da-arte-de-rua> >. Acesso em: junho 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho Forçado**. Disponível em: < <http://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-escravo/lang-pt/index.htm> >. Acesso em: novembro de 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Repositório PUCRS**: Dissertação e Tese (Serviço Social). Disponível em: < <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/356> >. Acesso em: outubro de 2016.

PORTO ALEGRE. Lei nº 10.376, de 31 de janeiro de 2008. Institui a Licença Municipal para o Exercício da Arte Popular. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**. Disponível em: < <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000029598.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT> >. Acesso em: agosto de 2015.

_____. Lei nº 11.586, de 5 de março de 2014. Permite manifestações culturais de artistas de rua em espaço público aberto. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**. Disponível em: < <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000033952.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahhtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT> >. Acesso em: agosto. 2015.

PRATES, Jane Cruz. O planejamento da pesquisa social. Revista **Temporalis**, n.7. Porto Alegre: 2003.

_____. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 6 n. 2 p. 221-232. jul./dez. 2007. In: **Possibilidade de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social**. Tese apresentada no curso de Pós Graduação em Serviço Social, da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

RAGO. Antonio. **A crítica ao idealismo**: política e ideologia. In: IV Curso Livre Marx Engels. São Paulo: Boitempo, 2013.

SALGADO, Cássia Pilar. **Arte e Serviço Social**: expressões da questão social no seriado Chaves e no loteamento Maria Cristina. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2014.

_____. **Arte, emancipação e Serviço Social**. In: Beras, Cesar. TECECENDO A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO. Porto Alegre: Evangraf, 2015. 131-152.

_____. Diário de Campo. Porto Alegre/RS: 2016.

_____. Observação Participante. Porto Alegre/RS: 2016.

SAMPIERI, Roberto Hernández; Collado, Carlos Fernández; Lucio, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANT'ANA, Raquel Santos; SILVA, José Fernando Siqueira da. **O método na teoria social de Marx: E o Serviço Social?** Revista Temporalis, Brasília, n.25 p.181-203. jan./jun. 2013.

SAUL, Breno Ketzer. **Levantamento sobre dados de artistas de rua em Porto Alegre**. Coordenação de Artes Cênicas/ Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Acesso em: março de 2016.

SCHERER. Giovane Antonio. **Serviço Social e Arte: juventudes e Direitos Humanos em Cena**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, José Fernando Siqueira da; SILVA, Maria Isabel da Silva. **Pesquisa e Serviço Social: contribuições à crítica**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 14, n. 2, p. 238 - 252, ago./dez. 2015.

SISTEMA NACIONAL DE CULTURA. **Guia de orientações para os municípios**. Secretaria de Articulação Institucional. Ministério da Cultura: Brasília, 2012.

TITÃS. **Comida**. <Disponível em:

https://www.google.com/url?q=https%3A%2F%2Fplay.spotify.com%2Ftrack%2F2PRfyZn7ikN2xtowqUIJ9M&sa=D&sntz=1&usg=AFQjCNHxWMSkc3ydDNtdiwp_QHKRhZo84g >. Acesso em: setembro de 2016.

TONET, Ivo. **Lukács: Trabalho e Emancipação Humana**. Maceió, agosto de 2009. Disponível em:

<http://ivotonet.xp.uol.com.br/arquivos/LUKACS_trabalho_e_emancipacao_humana.pdf >. Acesso em: março de 2016.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: RJ, Vozes, 2003.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez; Tradução de Carlos Nelson Coutinho. **As ideias estéticas de Marx**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Profissional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Profissional)

Você está sendo convidado/ convidada a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do Curso de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, intitulada: O Trabalho de Artistas de Rua em Porto Alegre/RS e tem como objetivo principal analisar como vem se constituindo o trabalho de artistas de rua em Porto Alegre a fim de conhecer esta interface do trabalho e o seu enfrentamento pelos trabalhadores e trabalhadoras.

O trabalho está sendo realizado pela Mestranda em Serviço Social - PUCRS - Cássia Pilar Salgado e sob a supervisão e orientação da prof^a Dra. Idília Fernandes. Para alcançar os objetivos do estudo será realizada coleta de dados por meio de entrevistas semi estruturadas e técnica documental. Os dados de identificação serão confidenciais (sigilosos) e os nomes reservados. Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pela pesquisadora durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 466/12).

Eu _____ recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo.

Declaro também que fui informado (a):

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.
- De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim.
- Da garantia que não serei identificado (a) quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa.

- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com a pesquisadora: Cássia Pilar Salgado, Telefone: (51) 3320.3539, e-mail: cassiaps91@gmail.com e endereço: Av. Ipiranga, nº 6681. Bairro: Partenon. Porto Alegre.

Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a pesquisadora.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Assinatura da pesquisadora
Nome: Cássia Pilar Salgado

Assinatura da entrevistada/entrevistado
Nome:

APÊNDICE B - Roteiro de entrevistas com artistas de rua**TÍTULO DA PESQUISA:** O trabalho de artistas de rua em Porto Alegre/RS

Pesquisadora: Cássia Pilar Salgado

Orientadora: Idília Fernandes

Data:

Número do instrumento:

ENTREVISTA

Identificar o tipo de manifestação artística:

Gênero:

Idade:

Naturalidade:

Grau de escolaridade:

Tempo de atividade artística na rua:

1. Qual o significado da arte para você?
2. Na sua opinião, qual a finalidade do seu trabalho artístico?
3. O que você entende por trabalho?
4. Existem dificuldades para a realização do trabalho artístico em Porto Alegre? Se sim, quais.
5. Como você enxerga a valorização da arte na cidade de Porto Alegre?
6. Qual o seu objetivo de fazer arte na rua?
7. O que te levou a realizar arte na rua?
8. Quanto você recebe em média com o trabalho artístico?
9. Você tem outro trabalho para se manter além do artístico? Caso a resposta seja sim, comente e se possível informe o valor recebido e a carga horária.
10. Quantos dias em média você trabalha na rua e qual a carga horária?
11. Se tivesse que escolher outro trabalho. Qual seria e por quê?
12. Como você mantém sua arte?

13. Você conhece a Lei de Artistas de Rua da cidade de Porto Alegre? Se sim, qual sua opinião?
14. Você está organizado e/ou organizada em algum lugar que lute pela arte na rua? Caso a resposta seja sim, responda qual organização e quais as lutas.
15. Você recebe algum apoio financeiro municipal, estadual ou federal para realizar sua arte? Se outro, qual? E o que você acha disso?

APÊNDICE C - Preparação, unitarização e codificação das informações coletadas junto às artistas de rua e aos artistas de rua em Porto Alegre/RS¹⁰

Q	ANALISADOR DE TEXTO (Frequência)	RESPOSTAS POR ARTISTA:	CODIFICAÇÃO
1	expressão (10) expressa (7) vida (10) viver (4) liberdade (8) libertadora (1) liberdade de (6) público (8) trabalho (6) trabalha (4) trabalhar (2) humano (5) humana (3) melhorar (5) sentido (5) alegria (4) fundamental (4) pública (4) comunicar (2)	1) liberdade 2) vida, alimento, sustento 3) prazer e expressão 4) liberdade/provocação 5) expressão 6) liberdade 7) expressão 8) expressão, sentimento, apreciação 9) generosidade 10) divertir e pensar 11) provocação 12) excelência do ser humano/ capacidade de comunicação/ sentidos 13) é vida, é cotidiano/ arte pública 14) liberdade de expressão 15) mudar a vida das pessoas/ resistência	Expressão Liberdade Sentidos (prazer, diversão, riso, provocação busca humana, busca do ser humano)
2	pessoas (35) pessoa (23) público (6) sociedade (6) trabalha (11) mensagem (9) mensagens (3) realidade (9) comunicação (6) vários (5) linguagem (5) alegria (4) melhora (4) pão (4) humaniza (3) humanizar (3) humano (3) humanidade (4) humanização (1) subversão (3) renda (3)	1) suavizar a realidade 2) legado para humanidade 3) expressar para o público o que sei fazer (expressão) 4) provocar/ tirar do lugar comum (transformação social) 5) humanizar (melhorar a realidade) 6) humanizar/ colorir a cidade/ sensibilizar/ socializar a arte (humanizar a sociedade) 7) tocar as pessoas/ fazer o impossível ultrapassar os limites/ mensagem 8) alegria/esperança/ paz (mensagens) 9) mensagem/violência no mundo 10) ganha pão, gostar de	Humanizar a realidade (sensibilizar, alegria, mensagem, melhora a vida) Transformar a realidade/ transformação social (subverter, provocar, socializar a arte) Sobrevivência (renda, ganha pão)

¹⁰ *dados organizados para trabalhos futuros.

	provocar (2) provocação (2) provoca (2) provoca (1) provocando (1)	fazer, passar alegria 11) subverter a ordem 12) prazer (satisfação) e sobrevivência 13) sem finalidade é utópico, é pra humanidade (destacarei essa) 14) comunicação e entretenimento 15) renda (socializar arte na rua, alegria no mundo e divulgação do trabalho.	
3	arte (19) gente (16) pessoas (8) pessoa (5) emprego (14) vive (2) 'vive' (1) vida (11) vivo (3) viver (2) faz (4) faz (10) faço (8) fazer (5) podemos (1) pode (9) pagar (2) paga (2) sustenta (2) sustentar (1) dinheiro (3) sobreviver (3) sobrevivido (2) sobrevivo (1) tempo (8) esforço (4) atividade (4) energia (4)	1) preparação/ purificação 2) garantir dinheiro/ qualidade de vida/ emprego digno 3) bom emprego 4) energia despendida 5) esforço para mudar algo 6) prazer e sustento 7) atividade que some no processo coletivo/ autônomo/ respeita a criatividade 8) força física/ vontade/ amar o que faz/ honestidade 9) disciplina/ tolerância 10) bom ganho/ exercer profissão/ agradável 11) pagar conta/ comer/ sobreviver/ dedicação/ satisfazer 12) pagar conta/ sobreviver/ planejamento 13) várias concepções (o que é para o capitalismo?) o trabalho dá sentido pra vida/ única coisa que temos/ é pra sociedade 14) tortura/ vida/ diversão/ grana 15) dedicação/ não necessariamente remunerada	Vida/ realização (sentido - prazer, qualidade, esforço, energia despendida, força física, esforço para mudar algo, atividade que some no processo coletivo, dedicação) Emprego (sustento, dinheiro, planejamento, sobrevivência) Todas e todos afirmam a necessidade em "amar o que faz".
4	governo (19) orçamento (13) Estado (12) Brasil (11) milhões (11) espaço (11) mídia (6) televisão (6) dinheiro (6)	1) falta de apoio e financiamento inicial/preconceito e falta de democratização nos espaços públicos 2) falta de apoio de autoridade/ poder público municipal e estadual 3) Não. E, sim pelo motivo de regulamentação da lei.	Falta de incentivo do Estado/ Governo Prefeitura - regulamentação (fiscalização/minuta/decreto) das leis em relação ao uso de espaços públicos Preconceito

	<p>4) Preconceito/ Falta de investimento do governo-Financiamento/ Influência da grande mídia/ falta de democratização dos espaços públicos/</p> <p>5) falta de compreensão das pessoas em relação à arte enquanto trabalho (preconceito)/ falta de apoio do Estado</p> <p>6) Não. A melhor cidade para trabalhar é Porto Alegre porém, a sociedade ainda precisa aprender o valor de um espetáculo para contribuir no chapéu e não uma moeda ou valor de um pirulito.</p> <p>7) Prefeitura - regulamentação das leis em relação ao uso de espaços públicos/ Influência da grande mídia/ condições climáticas</p> <p>8) Falta de investimento do governo</p> <p>9) Falta de investimento do governo e da prefeitura</p> <p>10) Falta de divisão de espaço para trabalhar com artistas</p> <p>11) Falta de investimento do governo</p> <p>12) Influência da grande mídia/ Falta de incentivo do governo/ Prefeitura - regulamentação das leis em relação ao uso de espaços públicos</p> <p>13) Falta de incentivo do governo/ Prefeitura - regulamentação das leis em relação ao uso de espaços públicos</p> <p>14) Prefeitura - regulamentação (fiscalização) das leis em relação ao uso de espaços públicos/ Insegurança na cidade/ Desigualdade entre comerciantes e artistas de rua (preconceito)</p> <p>15) Prefeitura - regulamentação (fiscalização/minuta/decreto)</p>	<p>Influência da grande mídia</p>
--	---	-----------------------------------

		das leis em relação ao uso de espaços públicos/ condições climáticas/ Falta de apoio do governo	
5	<p>gente (58) pessoas (30) público (7) valoriza (7) mídias (2) televisão (7) mídia (5) cultura (6) culturais (1)</p>	<p>1) elitização da arte 2) necessidade de criar espaço para mostrar a arte/ falta de apoio da autoridade 3) Há uma desvalorização cultural em relação ao trabalho artístico de rua, bem como uma desigualdade entre econômica entre artistas 4) elitização da arte/preconceito, machismo e homofobia da sociedade/ preconceito por não entender a arte como trabalho 5) elitização da arte/ descaracterização da arte como arte e comercialização da arte/ desvalorização da arte na rua 6) Sempre foi bem valorizado 7) valorização da arte televisiva em detrimento da arte de rua 8) Depende do tipo de público, da empresa, dos governantes 9) ** 10) Falta de reconhecimento do Estado em relação ao trabalho artístico de rua. 11) ** 12) Falta de incentivo do Estado/ Falta de ampliação das Políticas Públicas para Cultura 13) Falta de valorização das pessoas em relação à arte de rua. 14) Depende dos lugares/ Em algumas vezes há ausência de respeito entre artistas sobre a divisão do espaço social 15) Depende dos lugares onde se apresenta/ Influência da grande mídia/ Público de maior poder aquisitivo tende</p>	<p>Elitização da arte (desvalorização cultural do trabalho artístico de rua, descaracterização da arte como arte e comercialização da arte, valorização da arte televisiva em detrimento da arte de rua, preconceito)</p> <p>Valorização da arte de rua (varia conforme região e público)</p> <p>Ausência de apoio do Estado (criação de espaço para todas e todos realizar a arte, ampliação das políticas culturais, desigualdade econômica entre artistas, falta de reconhecimento da arte de rua enquanto trabalho artístico, falta de ampliação de políticas públicas para a cultura.</p>

		a valorizar menos a arte de rua	
6	<p> pessoas (25) gente (17) pessoa (6) teatro (14) mundo (10) dinheiro (10) sustenta (5) ganha (3) sociedade (5) show (5) espetáculo (4) possibilidade (4) trabalho (4) trabalha (3) trabalhando (2) trabalhar (2) liberdade (4) pensa (3) democratização (2) democrática (2) democrático (1) alegria (2) comunicação (2) expressão (1) expressa (3) pública (2) público (6) vida (4) provoca (1) provoquei (1) provocar (1) provocador (1) gostar (1) gostem (1) gostaria (1) gosta (1) gostassem (1) gosto (4) acesso (2) acessível (1) </p>	<p> 1) todo mundo é igual na rua 2) dinheiro, ganha 3) realizar a arte/cantar 4) provocar 5) mensagem 6) dinheiro 7) gostar 8) alegria 9) mensagem 10) exercer a profissão 11) espaço onde eu posso chegar no cidadão, na comunidade 12) possibilidade de liberdade, acessível pra todas e todos/liberdade 13) democratização 14) liberdade/liberdade no semáforo 15) conscientizar </p>	<p> Democratização Sustento Expressão Transformação social Liberdade </p>
7	*		
8	*		
9	*		

10		<table border="1"> <thead> <tr> <th>DIAS</th> <th>CARGA HORÁRIA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>1 dia</td><td>12h</td></tr> <tr><td>7 dias</td><td>Livre</td></tr> <tr><td>6 dias</td><td>12h/13h até as 19h</td></tr> <tr><td>4 dias</td><td>3 h</td></tr> <tr><td>3 dias</td><td>2h</td></tr> <tr><td>1 dia</td><td>6h a 8 h</td></tr> <tr><td>**</td><td>**</td></tr> <tr><td>**</td><td>**</td></tr> <tr><td>7 dias</td><td>15h às 17h e finais de semana das 11h às 16h</td></tr> <tr><td>4 dias</td><td>11 às 17h</td></tr> <tr><td>5 dias</td><td>6 h</td></tr> <tr><td>7 dias</td><td>3 h</td></tr> <tr><td>não soube responder</td><td>não soube responder</td></tr> <tr><td>7 dias</td><td>2h a 3 h por dia</td></tr> <tr><td>não soube responder</td><td>não soube responder</td></tr> </tbody> </table>	DIAS	CARGA HORÁRIA	1 dia	12h	7 dias	Livre	6 dias	12h/13h até as 19h	4 dias	3 h	3 dias	2h	1 dia	6h a 8 h	**	**	**	**	7 dias	15h às 17h e finais de semana das 11h às 16h	4 dias	11 às 17h	5 dias	6 h	7 dias	3 h	não soube responder	não soube responder	7 dias	2h a 3 h por dia	não soube responder	não soube responder	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Média de Carga Horária Semanal</th> <th>Códigos</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>12h/s</td><td>10 a 15h</td></tr> <tr><td>sem resposta</td><td>sem resposta</td></tr> <tr><td>36h/s</td><td>35 a 40h</td></tr> <tr><td>12h/s</td><td>10 a 15h</td></tr> <tr><td>6h/s</td><td>menos de 10h</td></tr> <tr><td>8h/s</td><td>menos de 10h</td></tr> <tr><td>sem resposta</td><td>sem resposta</td></tr> <tr><td>sem resposta</td><td>sem resposta</td></tr> <tr><td>20h/s</td><td>15 a 20h</td></tr> <tr><td>24h/s</td><td>20 a 25h</td></tr> <tr><td>30h/s</td><td>25 a 30h</td></tr> <tr><td>21h/s</td><td>20 a 25h</td></tr> <tr><td>sem resposta</td><td>sem resposta</td></tr> <tr><td>21h/s</td><td>20 a 25h</td></tr> <tr><td>sem resposta</td><td>sem resposta</td></tr> </tbody> </table>	Média de Carga Horária Semanal	Códigos	12h/s	10 a 15h	sem resposta	sem resposta	36h/s	35 a 40h	12h/s	10 a 15h	6h/s	menos de 10h	8h/s	menos de 10h	sem resposta	sem resposta	sem resposta	sem resposta	20h/s	15 a 20h	24h/s	20 a 25h	30h/s	25 a 30h	21h/s	20 a 25h	sem resposta	sem resposta	21h/s	20 a 25h	sem resposta	sem resposta
DIAS	CARGA HORÁRIA																																																																		
1 dia	12h																																																																		
7 dias	Livre																																																																		
6 dias	12h/13h até as 19h																																																																		
4 dias	3 h																																																																		
3 dias	2h																																																																		
1 dia	6h a 8 h																																																																		
**	**																																																																		
**	**																																																																		
7 dias	15h às 17h e finais de semana das 11h às 16h																																																																		
4 dias	11 às 17h																																																																		
5 dias	6 h																																																																		
7 dias	3 h																																																																		
não soube responder	não soube responder																																																																		
7 dias	2h a 3 h por dia																																																																		
não soube responder	não soube responder																																																																		
Média de Carga Horária Semanal	Códigos																																																																		
12h/s	10 a 15h																																																																		
sem resposta	sem resposta																																																																		
36h/s	35 a 40h																																																																		
12h/s	10 a 15h																																																																		
6h/s	menos de 10h																																																																		
8h/s	menos de 10h																																																																		
sem resposta	sem resposta																																																																		
sem resposta	sem resposta																																																																		
20h/s	15 a 20h																																																																		
24h/s	20 a 25h																																																																		
30h/s	25 a 30h																																																																		
21h/s	20 a 25h																																																																		
sem resposta	sem resposta																																																																		
21h/s	20 a 25h																																																																		
sem resposta	sem resposta																																																																		
11	*	<table border="1"> <tbody> <tr> <td>Outro trabalho</td> <td>Por quê?</td> </tr> <tr> <td>Docente em história</td> <td>Transformar a sociedade</td> </tr> <tr> <td>Banda de</td> <td>Sonho e para</td> </tr> </tbody> </table>	Outro trabalho	Por quê?	Docente em história	Transformar a sociedade	Banda de	Sonho e para	<p>Artista</p> <p>Comunicador Social Docente</p> <p>Piloto</p> <p>Camponês</p>																																																										
Outro trabalho	Por quê?																																																																		
Docente em história	Transformar a sociedade																																																																		
Banda de	Sonho e para																																																																		

		<table border="1"> <tr> <td>rock, Criação de foguetes e Criação de carros</td> <td>impactar na sociedade</td> </tr> <tr> <td>Músico</td> <td>Amor</td> </tr> <tr> <td>Piloto de Caça e artista</td> <td>Gostar</td> </tr> <tr> <td>Trabalhar no campo</td> <td>Felicidade e voltar para a essência do ser humano</td> </tr> <tr> <td>Carpintaria, artesanato, manufatura</td> <td>Criação</td> </tr> <tr> <td>Cantora</td> <td>Acho lindo cantar na vida</td> </tr> <tr> <td>Rádio Jornalismo</td> <td>não respondeu</td> </tr> <tr> <td>Artista</td> <td>É mágico, é lindo</td> </tr> <tr> <td>Eventos</td> <td>Gosto</td> </tr> <tr> <td>Artista</td> <td>Paixão</td> </tr> <tr> <td>Comunicação Social</td> <td>Porque o teatro é um tipo de comunicação</td> </tr> <tr> <td>Gestão Pública de Cultura</td> <td>Ampliar e tentar garantir justiça social</td> </tr> <tr> <td>Artista</td> <td>Seria artista de outro lugar que não fosse rua [risos].</td> </tr> <tr> <td>Várias coisas</td> <td>Amplitude do mundo</td> </tr> </table>	rock, Criação de foguetes e Criação de carros	impactar na sociedade	Músico	Amor	Piloto de Caça e artista	Gostar	Trabalhar no campo	Felicidade e voltar para a essência do ser humano	Carpintaria, artesanato, manufatura	Criação	Cantora	Acho lindo cantar na vida	Rádio Jornalismo	não respondeu	Artista	É mágico, é lindo	Eventos	Gosto	Artista	Paixão	Comunicação Social	Porque o teatro é um tipo de comunicação	Gestão Pública de Cultura	Ampliar e tentar garantir justiça social	Artista	Seria artista de outro lugar que não fosse rua [risos].	Várias coisas	Amplitude do mundo	<p>Gestor Público de Cultura</p> <p>Inúmeras atividades</p>
rock, Criação de foguetes e Criação de carros	impactar na sociedade																														
Músico	Amor																														
Piloto de Caça e artista	Gostar																														
Trabalhar no campo	Felicidade e voltar para a essência do ser humano																														
Carpintaria, artesanato, manufatura	Criação																														
Cantora	Acho lindo cantar na vida																														
Rádio Jornalismo	não respondeu																														
Artista	É mágico, é lindo																														
Eventos	Gosto																														
Artista	Paixão																														
Comunicação Social	Porque o teatro é um tipo de comunicação																														
Gestão Pública de Cultura	Ampliar e tentar garantir justiça social																														
Artista	Seria artista de outro lugar que não fosse rua [risos].																														
Várias coisas	Amplitude do mundo																														
<p>12</p>	<p>fazer (9) fazendo (7) pesquisa (3) pesquisadora (1) pesquisador (1) técnicas (10) estuda (1) estudo (1) estudar (1) tempo (11) treino (10)</p>	<p>1) apoio da família 2) manutenção constante 3) com o que ganho na rua 4) cursos, oficinas, leituras, discussões, estudos alternativos 5) oficinas, capacitações, workshop's, laboratórios 6) ** 7) treinos 8) otimismo, vontade, carinho</p>	<p>Atividades: treinos, ensaios, técnicas, leituras, discussões.</p> <p>Formações (pesquisas, workshop's, oficinas, cursos, capacitações, laboratórios, estudos em espaços alternativos)</p>																												

		<p>e com produções próprias mantidas por meio de contribuições espontâneas do público.</p> <p>9) **</p> <p>10) leituras, internet, jornais, rádio, televisão (à cabo porque a TV aberta é muito pobre)</p> <p>11) cursos, técnicas, trocas de experiências/ de conhecimento</p> <p>12) editais, sindicato, pesquisa</p> <p>13) não soube responder</p> <p>14) treino, pesquisa e contribuição do público</p> <p>15) a arte acaba mantendo a arte, prática de ensaios</p>	<p>Financeiramente (edital, produções próprias mantidas por meio de contribuições espontâneas do público e apoio da família)</p> <p>Veículos de comunicação - internet , jornais , rádio , TV</p>
13	<p>prefeitura (12)</p> <p>prefeito (3)</p> <p>arteiros (10) lutas (3) luta (7) lutando (3) lutadores (1) coletivos (7) espetáculo (9) espetáculos (1) "espetáculo" (1) regulamentariza (4) regulamenta (3) regulamento (2) regulamentar (1) regulamentação (2) minuta (8) decreto (8) direito (7) cidade (8) espaço (9) liberdade (7) pressão (6) boa (5)</p>	<p>1) A lei, a lei que foi redigida coletivamente por artistas, é a lei mais bonita que a gente tem no Brasil/ Decreto da Prefeitura para regulamentar o uso dos espaços públicos, além da necessidade de autorização das secretarias - burocracia como empecilho.</p> <p>2) Foi importante para regulamentar e haver reconhecimento da profissão.</p> <p>3) Não. O que eu sei assim é por cima, eu não posso dizer assim "lei tal, número tal" que eu não sei, aí eu vo tá te mentindo, sei que existe uma lei que libera o artista, né.</p> <p>4) Eu conheço porque eu participei da discussão e da construção disso, foram 2 anos da minha vida assim de, desde que a gente propôs porque tinha muitos problemas. Hoje o que eu acho sobre a lei do artista de rua porque como teve o primeiro decreto né, foi lá no meio do ano passado, acho que isso foi histórico porque uniu todo mundo, de todo segmento, né, não tava só o teatro, não tava só a dança,</p>	<p>Lei de artistas de rua em Porto Alegre (bonita, boa, ótima, fundamental, criada por artistas de rua, mais libertária do país, sensacional). Observa-se que a maioria das artistas e dos artistas conhecem a lei.</p> <p>Regulamentação do uso dos espaços públicos e "vazamento" de decreto exigindo taxas de cobrança e restringindo o direito à cidade.</p>

		<p>tava o pessoal da música [...].</p> <p>5) Eu conheço a minuta que tava sendo votada, já tento ser votada ano passado e foi barrada e esse ano tentaram, tão tentando de novo, até agora nunca mais ouvi fala - acho que não foi, não conseguiram - e, mas minha opinião é contrária à essa minuta porque ela não coíbe só a arte de rua.</p> <p>6) Conheço a lei, acho a lei muito boa, eu acho que ela podia, eu acho que a gente pode crescer em relação ao espaço, cada espaço eu acho que deve ter um certo regulamento [...] pra ter um convívio melhor da sociedade artista na rua.</p> <p>7) Eu acho, eu conheço, eu acho ela ótima, ela preza a liberdade, é boa e é o bom senso entre os artistas assim, ela não limita ninguém e nenhum espaço/ a gente politicamente fica lutando porque frequentemente a prefeitura volta querendo regulamentar essa lei.</p> <p>8) A lei que eu conheço uma das leis que eu conheço, olha a lei que eu conheço é essa que foi autorizado o trabalho artístico nas ruas que foi sancionado pelo prefeito, né/ eu não sei tanto de <i>Porto Alegre</i>, mas <i>Porto Alegre</i> eu por exemplo nunca tive problema com a 'fiscalização' /A gente fez 'manifesto' e tudo, mas era através simplesmente por causa da música, do músico, aquele músico que vem pra rua e produz CD, produz seu DVD e vende né, aí eles tavam a fim, essa lei aí de proibir essa pessoal.</p> <p>9) Eu conheço sim, mas essa lei nunca valeu pra nós, vale pra um certo grupo.</p> <p>10) É na verdade eu fui um</p>	
--	--	--	--

		<p>dos 'causadores', lutadores da regulamentação da Lei que 'infelizmente' tá sendo mexida de novo, né/ A lei é fundamental, ela é fundamental justamente por isso, pra regulamenta uma profissão que é real, agora 'infelizmente', né, é, a lei ela não tem uma fiscalização à altura e aí gera esses conflitos, né.</p> <p>11) A lei dos artistas de rua de Porto Alegre é a lei mais libertária que tem no país/ foram também alguns Arteiros de Rua/ querem regulamenta impondo regras e principalmente taxando os espaços.</p> <p>12) A prefeitura tentando baixa um outro decreto que parece que põe por água abaixo tudo isso que a gente construiu e é isso/ a lei que nos representa assim né, é uma luta assim né.</p> <p>13) A lei do artista de rua ela é muito simples. Ela tem pouquíssimos parágrafos, entende/Eu acho ela uma das 'melhores' leis do Brasil. Ela precisa existir? Não, ela não precisaria existir. Ela só existiu porque houve "repressão" à artistas de rua/ Quer dizer então que falta supervisão da prefeitura para alguns casos. A fiscalização "boa", não a fiscalização de "privar" o direito de apresentar.</p> <p>14) Olha eu não sei como ela tá agora. Não sei se a lei muda. Eu sei que às vezes eles lançam uma minuta <i>mutcho loca</i> querendo regulamentariza/ E Às vezes tem espetáculos maravilhosos que tão aqui e a gente perde a oportunidade se tiver uma regulamentarização assim, daí é bom não ter. Eu gosto</p>	
--	--	--	--

		<p>da liberdade na rua como deveria de ser apesar de não ser de fato.</p> <p>15) A lei dos artistas de rua, essa que foi desenvolvida em conjunto, comunidade com poder público ali e tal, pô, ela é sensacional/A única coisa que é absurda é de repente os caras querer alterar ela através dum decreto sem pé nem cabeça, assim, né. Isso mostra meio, mostra, assim, como é que o jeito que os caras governam, né?! Sabe, é meio óbvio que, ãh, coisa feita com cuidado, com estudo, com participação, com não sei o quê, vai ser muito mais sensata do que aquilo que um tecnocrata tira da cartola, assim.</p>	
14	<p>Arteiros (18) Arteiro (2) grupo (16) sindicato (14) SATED (11) circo (11) decreto (11) prefeitura (10) lei (21) leis (4) minuta (4) minutas (1) espaço (11) luta (26) resistência (2) reunião (6) manifestação(4).</p>	<p>1) Associação dos Bonequeiros Gaúchos/ Defesa Pública da Alegria/ Organização Primitiva dos Largos Vivos/ Coletivo Arruaça/ Cidade Baixa em Alta/ 2) 3) Não 4) 5) Não. Participo de algumas intervenções assim, de algumas uniões esporádicas como manifestação de arte que teve quando a minuta veio e tal. 6) 7) 8) Não. Eu não tô em luta nenhuma, a minha luta é minha mesmo. 9) Não. Eu não faço parte de nenhuma organização. 10) SATED/RS. Eu participo do SATED desde o tempo do Rio, porque o SATED é espalhado pelo Brasil, então 'hoje' a entidade que me defende é o SATED, onde eu pago uma anuidade, uma</p>	

		<p>anuidade.</p> <p>11) SATED/RS, Arteiros de Rua (contra o decreto), OcupaMinC (contra o golpe). Na verdade eu me vejo como um <i>Artivista</i>, é isto, eu não vejo hoje um sentido nesse momento que a gente vive de a arte não ser <i>artivista</i>, entende.</p> <p>12) Não.</p> <p>13)</p> <p>14)</p> <p>15)</p>	
15		<p>1) Não, não recebo nenhuma ajuda financeira, nem estadual, nem municipal e nem particular, ã, tenho alguns colaboradores com o passar dos anos, já é um tipo de reconhecimento pelo meu trabalho.</p> <p>2)</p> <p>3) Não, a gente não recebe nada. Luta com as própria força que a gente tem né? A gente ganha conforme o povo passa e põe ali na caixinha, né?</p> <p>4)</p> <p>5)Então, eu não recebo nenhum apoio municipal, nem estadual, nem federal pra propicia minha arte na rua, nem financiamento, nem apoio, nem patrocínio nenhum, minha arte é bem independente mesmo, infelizmente, mas acho massa quem consegue algum apoio assim.</p> <p>6)</p> <p>7) Quando eu escrevo projetos, sim, por exemplo esse ano a gente ganhou projeto da <i>FUNART</i> que é federal, que são os editais que a cultura abre né, e eles são bem importantes principalmente na construção de novos trabalhos.</p> <p>8) Não recebo apoio cultural</p>	

		<p>de nada, de vez em quando alguma foto, alguma mídia por exemplo, alguma foto que vá pra uma rede social.</p> <p>9) Não. Não recebo nada do governo, absolutamente nada. Só recebo contribuições das pessoas.</p> <p>10)</p> <p>11) Nenhum, só quando passa algum edital. No momento nenhum.</p> <p>12)</p> <p>13)</p> <p>14) Eu não recebo nenhum apoio, meu apoio em geral é do público que me assiste; que me contribui no chapéu.</p> <p>15) A gente não recebe apoio algum.</p>	
--	--	--	--

ANEXO A - Parecer da Comissão Científica da Escola de Humanidades da PUCRS

Comissão Científica: ESCOLA DE HUMANIDADES

Status: Projeto de Pesquisa reconhecido pela Comissão Científica em 13/07/2016, como um Projeto de Pesquisa que atende aos requisitos da Comissão Científica.

Data da Análise: 13/07/2016

Parecer: O projeto de pesquisa atende os requisitos da Comissão Científica da Escola de Humanidades. Trata-se de uma pesquisa que não identificará os seus participantes, enquadrando-se na nova Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 da CONEP, que isenta os projetos desta natureza de serem submetido aos Comitês de Ética. Assim, o projeto analisado, intitulado "O trabalho de artistas de rua em Porto Alegre/RS", está isento de ser enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS por se enquadrar na Resolução 510, Artigo 1, inciso VII.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad